

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

Michele Vieira Pereira

**O Processo de Liderança das Mulheres Idosas na Comunidade do Ribeirão
da Ilha – caminhando, semeando e colhendo frutos...**

Florianópolis

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social sob a orientação da Profª Drª Teresa Kleba Lisboa.

Michele Vieira Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

O Processo de Liderança das Mulheres Idosas na Comunidade do Ribeirão da Ilha – caminhando, semeando e colhendo frutos...

Banca Examinadora:

Prof.^a Teresa Kleba Lisboa
Orientadora

Prof.^a Micheline Ramos De Oliveira
1^a Examinadora

Prof. Hélder Boska de Moraes Sarmiento
2^a Examinador

DEDICATÓRIA

Ao meu grande AMOR Romário Vítório Pereira

AGRADECIMENTOS

Após tantos obstáculos enfrentados ao longo desta caminhada, com força de vontade, perseverança e acima de tudo muito comprometimento, finalmente consegui realizar este feito, no entanto nada teria conquistado se não fosse a presença de alguns envolvidos que me ajudaram durante esta minha trajetória. Assim...

Agradeço primeiramente a DEUS por estar presente em todos os momentos da minha vida, colocando pessoas especiais no meu caminho.

Ao meu grande amor Romário Pereira, marido, amigo, que por nenhum segundo me deixou desanimar, sendo alavanca para eu alcançar a vitória.

Ao meu pai Manuel Nunes Pereira Filho e a minha Mãe Tereza P. Vieira Pereira, que foram os responsáveis pela vida que tenho. As Minhas amadas irmãs, Bruna e Beatriz que me deram carinho e confiança para continuar nessa caminhada.

Aos amigos e colegas de classe por compartilharem momentos de alegrias e superação no decorrer do Curso. Lembrando em especial: Marinês Martins, minha amiga irmã, que com seu jeito amoroso me defendia em todas as horas, compartilhava comigo as angústias e os momentos de alegria (*obrigada por todas as caronas*); A Maitê do. E. Santo, essa deixou minhas manhãs mais alegres (*obrigada pelos lanches*); A Edna Zanetta que contava suas histórias de família fazendo-me refletir (*obrigada pelo carinho*); A Letícia Motta que sempre será minha menina (*obrigada por aceitar meus conselhos*).

Ao NETI, instituição que me acolheu como estagiária durante dois anos, estes de aprendizado e de conquistas. Agradeço a minha supervisora de campo Maria Cecília A. Godtsfriedt que no decorrer da trajetória se tornou minha grande amiga; à coordenadora do NETI, Jordelina Schier, por ser exemplo de profissional e de pessoa; a todas as minhas amigas monitoras do PICG, fazendo um destaque à Antônia Rita e Valda Valdemar, por todo carinho recebido.

À Eddy Frantov e à professora Eloá Aparecida Calliari Vahl, pelo aprendizado proporcionado, este, enriquecedor para minha vida.

Aos professores, por ensinarem o dom da sabedoria, destacando a professora antropóloga Micheline Ramos de Oliveira, que fez com que eu começasse a utilizar a “Faculdade do Conhecimento: Olhar, Ouvir e Escrever”, mudando meu jeito de enxergar a sociedade. E, em especial, a minha professora orientadora Teresa Kleba Lisboa, por ter me ajudado bastante na realização deste trabalho científico.

Às mulheres do Ribeirão da Ilha que me acolheram com tanto carinho, sendo a base fundamental para a realização desse trabalho.

Aos professores formadores da banca examinadora pela presença e pelo apoio.

Epigrafe

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.” Cora Coralina

RESUMO

Este documento teve como objetivo realizar entrevistas com mulheres idosas do Ribeirão da Ilha que exercem lideranças de grupos. Num primeiro momento será apresentado o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), através do Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia, no qual fiz estágio, ocasionando na aproximação do objeto de estudo desta pesquisa. Em seguida, analisamos as falas dessas protagonistas da comunidade, no qual destacamos o perfil dessas lideranças, trabalhando com o método a História Oral, utilizando a modalidade Trajetória de Vida. Percebeu-se nas falas dessas mulheres que através da liderança de grupos, essas se auto afirmavam como protagonistas de suas próprias histórias, o que não foi possível na época da infância e juventude; através do trabalho precoce, as responsabilidades, a reverencia aos pais, o racismo enfrentado por algumas delas na escola e na comunidade. Mulheres que no princípio eram submissas aos pais e depois aos seus maridos, encontrando no envelhecimento a chance de libertassem. A partir desses relatos, enfatizamos o papel do serviço social no NETI, frente à realidade dessas mulheres idosas. Reconhecendo o desafio do envelhecimento humano como uma questão social.

Palavras-chave: Idosas; Mulheres; Liderança; Entrevista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Municípios de Santa Catarina Atendidos pelo PICG

Tabela 2 - Tarefas Evolutivas da Vida Adulta e da Velhice

Gráfico 1– Faixa Etária das Participantes

Gráfico 2 – Grau de Escolaridade

Gráfico 3 – Estado Civil

Gráfico 4 – Cor de Pele

Gráfico 5 – Profissão

Gráfico 6 – Benefícios de Ser Líder

Gráfico 7 – Atividades Desenvolvidas

LISTA DE SIGLAS

CEPE – Centro Estudo e Pesquisa

CFESS – Conselho Federal Serviço Social

CFMAG – Curso Formação De Monitores da Ação Gerontológica

FECAM – Federação Catarinense Municípios no Estado de Santa Catarina

ILPI – Instituição de Longa Permanência Para Idosos

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

ONGs – Organização Não- Governamentais

PICG – Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia

PROEX – Pró- Extensão

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I Capítulo - NETI/ PICG	15
1.1. O PICG e a atuação das monitoras no município de Florianópolis	15
1.2. O PICG e as ações desenvolvidas pela Federação Catarinense de Municípios (FECAM) no estado de Santa Catarina	17
2. As Protagonistas das Ações:	
Conhecendo as idosas líderes do Ribeirão da Ilha	20
3. Aproximação e reconhecimento das lideranças	21
4. Perfil das lideranças e dos grupos	23
II Cap.: as trajetórias de vida das líderes da Comunidade do Ribeirão da Ilha	29
1.1. História do Ribeirão da Ilha	30
1.2. Marcas da infância - respeito aos pais: obediência, carinho e castigos	32
1.3. Juventude abreviada: vigilância dos pais, trabalho e casamento precoce	37
1.4. Casamento: entre o domínio dos pais a submissão aos maridos	40
1.5. Os Bailes realizados: <i>“uns para os negros e outros para os brancos”</i>	42
2. Os Desafios da idade:	
<i>“para mim velhice é uma desgraça, não aceito de jeito nenhum”</i>	43
3. Surgimento do cargo de liderança: <i>“Liderança, é para mim algo natural”</i>	46
4. As diferenças entre homens e mulheres na liderança da comunidade:	
<i>“as mulheres mais ativas, os homens mais fechados”</i>	50
5. A intervenção do Serviço Social em trabalhos com grupos: conquistas e desafios:	
<i>“os envolvidos são todas mulheres idosas”</i>	51

6. Considerações	61
7. Referências	63
8. Apêndices	69
9. Anexos	72

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado da minha inserção no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), através do estágio não obrigatório e obrigatório do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que teve início na sexta fase do curso. Escolhi em permanecer no NETI até minha formação acadêmica, totalizando quatro semestres, de 2013 a 2015. Essa opção em continuar na Instituição durante todo esse tempo foi devido interesse pela temática do envelhecimento.

O NETI é uma instituição que trabalha com a perspectiva de uma educação permanente. Nesses dois anos, consegui ter um olhar mais amplo sobre o envelhecimento, principalmente em Santa Catarina ou mais especificamente em Florianópolis, cidade sede do campo de atuação, além de participar de um conjunto de ações que o NETI está inserido nos espaços de controle social no Estado.

Na Instituição fui convidada a participar do Projeto Intercâmbio Comunitária em Gerontologia (PICG), este sendo uma extensão do NETI nas comunidades e instituições. As saídas a campo através do PICG/NETI levaram-me a observar e analisar a realidade mais de perto. A participação da supervisora era mensal, nos acompanhamentos nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), Organizações Não Governamentais (ONGs), Centros de Convivências para Idosos e nos espaços de controle social. Outro fator de contribuição para minha formação foram os seminários, oficinas e as reuniões do PICG, na qual era responsável pela organização e execução, sempre sendo avaliada pela assistente social do NETI. Esse projeto recebe demandas de instituições e grupos de convivências para idosos, em que estes solicitam a visita do PICG, com o objetivo de desenvolver ações socioeducativas e de convívio. Discutindo sobre saúde, cidadania, políticas públicas e o acesso aos direitos sociais, através de atividades que favorecem o desenvolvimento de ações participativas e preventivas.

O PICG proporcionou uma aproximação com a comunidade do Ribeirão da Ilha, localizada no sul de Florianópolis SC, através de uma demanda recebida por parte das lideranças idosas da comunidade e tinha como propósito capacitar às mulheres idosas que são líderes na comunidade.

A capacitação que o projeto desenvolveu motivou-me a estudar e a pesquisar a realidade das mulheres protagonistas da comunidade. Tendo como objetivo conhecer quem são essas mulheres que se doam em prol da comunidade, pois a minha hipótese era de que neste período da vida as pessoas idosas almejavam aproveitar a idade para viajar e descansar.

Tivemos como questão problematizadora: "Quais os fatores que levam as mulheres do Ribeirão da Ilha a exercer seu processo de liderança?", essa questão me instiga desde o momento em que fiquei mais próxima dessas mulheres idosas, através da capacitação realizada pelo PICG/NETI. Com essa aproximação, busquei entender o papel social que elas causam na sociedade e principalmente como se sentem realizando esse trabalho em grupo.

Ao dialogar com Sousa (2008, p.123), faz-se necessário atender que “o assistente social tenha um conhecimento teórico profundo sobre as relações sociais fundamentais de uma determinada sociedade (universalidade), e como elas se organizam naquele determinado tempo histórico.”

A principal finalidade é compreender os fatores que levaram as mulheres idosas a exercerem a liderança na comunidade do Ribeirão da Ilha, através de entrevistas previamente agendadas, trabalhando com o fio condutor das trajetórias de vida de cada uma. Segundo Gonçalves e Lisboa (2007, p. 85) “os relatos orais passam a ser valorizados pouco a pouco pelas ciências sociais, na medida em que se percebe que comportamentos, valores, emoções permanecem escondidos nos dados estatísticos”.

A importância desse estudo se reflete em novas informações para o PICG/NETI, onde estes poderão nortear as monitoras do projeto em novas saídas a campo atendendo demandas que vão ao encontro dessas pesquisadas. Além de proporcionar maior conhecimento na área do serviço social ou de outras profissões que trabalham com os movimentos sociais e principalmente com o envelhecimento humano, no caso estudado o de mulheres que se tornaram líderes em comunidades. Portanto, esta pesquisa se propõe a contribuir na formação profissional e acadêmica.

Utilizei as chamadas “faculdades de entendimento” pela antropologia, para alcançar o mais próximo do objetivo do meu TCC. Tendo o cuidado de usar pseudônimos para identificar as seis entrevistadas, estes escolhidos pelas protagonistas do Ribeirão da Ilha com nomes de flores, no qual optaram por: Violeta, Margarida, Camélia, Boca de Leão, Orquídea e Rosa.

A estrutura do Trabalho de conclusão de Curso segue-se dividida em dois capítulos, no primeiro apresentando a Instituição no qual estou inserida como estagiária, o Núcleo de Estudos da Terceira Idade e em seguida o Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia que proporcionou o conhecimento desse grupo de mulheres idosas que se destacam como lideranças no Ribeirão da Ilha. Relato o histórico da Instituição e do Projeto, analisando a atuação e as atribuições do Serviço Social no Núcleo e no Projeto, identificando

também as atividades realizadas pela estagiária. Num segundo momento deste mesmo capítulo, é explicada a metodologia do trabalho e a história do Ribeirão da Ilha onde encerra este capítulo com o subitem nomeado “Perfil das Lideranças e dos Grupos”.

No segundo capítulo, explico a análise do fio condutor da entrevista que foi a Trajetória de Vida, onde se pesquisou o perfil das lideranças e as histórias desde a infância até à velhice. Entre elas, destacam-se as brincadeiras de criança, os dias de domingo, os namoros vigiados, o preconceito, o racismo e a figura paterna da época. Neste capítulo também foi analisado o processo de liderança, o afastamento dos homens do Ribeirão nas atividades sociais da comunidade e de como elas trabalham em grupos.

Ao final desse estudo, encontramos as considerações finais, no qual estou ciente que durante todo o processo de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, foram riquíssimas as contribuições dessas mulheres idosas para o aprimoramento de mais conhecimentos em todas as áreas de estudos e do meu crescimento pessoal e profissional. Essa também tem o intuito de contribuir no âmbito do Serviço Social para a ampliação do conhecimento a respeito da temática do envelhecimento humano, e de ações desenvolvidas com lideranças comunitárias.

1 NETI/ PICG

1.1 O PICG e a atuação das monitoras no município de Florianópolis/SC

O Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia (PICG) teve sua origem em 1993 no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI).

O NETI, criado pela Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 1982, e oficializado através da portaria nº 4841GR/83 de 03 de agosto de 1983, foi uma experiência pioneira entre as universidades, colaborando na construção de um modelo brasileiro de intervenção do atendimento ao idoso. O Núcleo é responsável pelo planejamento, coordenação, execução e avaliação de Programas voltados para a Terceira Idade, através da Educação Permanente, como nos aponta Elizabeth Liberato:

As características principais do ensino para adultos devem voltar-se para despertar a consciência para a realidade de mundo, enfatizando, sobretudo a importância de sua participação na sociedade, dentro de uma visão mais clara de seus direitos e deveres como cidadão. A educação chamada “permanente” é aquela que se processa no decorrer da vida toda, escolarizada ou não, e é um direito garantido pela própria Constituição (LIBERATO 1995, p. 13).

A Universidade Federal de Santa Catarina, criando o NETI, abriu espaço para que questões gerontológicas pudessem ser trabalhadas através do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária, envolvendo a comunidade em programações variadas: cursos, palestras, atividades de lazer e outras.

O Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica (CFMAG), teve seu início em março de 1990, sendo aprovado através do parecer nº028/CEPE/90, tendo como objetivo promover o desenvolvimento, a integração social e comunitária das pessoas da terceira idade, através da qualificação, estimulando a criação de novos conhecimentos. Os alunos idosos atualmente ingressos neste curso permanecem dois anos, divididos em quatro semestres consecutivos, distribuídos em dois dias por semana. Para tanto, se faz necessário um embasamento teórico-prático que se desenvolve no Curso, como esclarece Meire Cachione (1998, p. 83),

[...] da educação básica à universidade, voltam-se essencialmente ao desenvolvimento humano, entendendo a educação como uma experiência global que se desenvolve ao longo de toda vida. Para que isso ocorra e para realizar o conjunto de missões que lhes são atribuídas, a educação deve se sustentar em torno de quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver junto e aprender a ser.

O CFMAG utiliza esses pilares como modelo, tendo como objetivo uma educação permanente, pois ao dialogar com a autora referenciada, a aprendizagem dos idosos deve ter como finalidades: permitir que cresçam e coloquem em prática as experiências adquiridas;

que melhorem a autoestima, a qualidade de vida e suas relações sociais; que conquistem um bom nível de independência e de autodeterminação subjetiva e social; que se tornem mais flexíveis e abertos às mudanças. Elizabeth Liberato (1995) também defende essa perspectiva:

É através da educação que aumentam as possibilidades individuais e da comunidade de atingir níveis mais amplos de consciência crítica para o exercício da plena cidadania. O indivíduo além de adquirir conhecimentos, cultura, princípios e normas de ação, desempenha seu papel na família e na sociedade, reconhecendo-se como cidadão consciente de suas responsabilidades e direitos (LIBERATO, 1995, p. 12).

O suporte teórico que o Curso oferece, levou a criação do PICG pela assistente social Matilde Vieira (*falecida em 08/07/2007*), este com o objetivo de acolher os monitores formados no CFMAG/NETI, levando-os a atuar em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), ONGS, Grupos de Convivência de Idosos, juntamente em espaços de controle social na grande Florianópolis/SC. O PICG desenvolve oficinas com os idosos para discutir diversos temas, dentre eles, seus direitos e a importância da sua participação em espaços da sociedade civil, valorizando a sua representação na democracia participativa.

No decorrer de sua história, o PICG passou por reformulações, desde a mudança de coordenadores até sua área de abrangência, pois ao dialogar com Cristiane Vieira (2012), constatamos que os objetivos do Projeto colocam ênfase na capacitação dos idosos para tornarem multiplicadores dos conhecimentos adquiridos.

O PICG também tem se constituído em campo de estágio para muitas acadêmicas do Curso de Serviço Social, ampliando os seus propósitos para questões abrangentes e possibilitando a produção de conhecimentos, ressaltando o NETI¹ como um espaço de ensino, pesquisa e extensão.

Segundo os registros² do Projeto, no período de 2013 a 2014, o PICG atendeu 12 (doze) demandas, entre instituições e grupos de convivência nas cidades de São José/SC e Florianópolis/SC realizando 16 (dezesesseis) reuniões técnicas³ e 3 (três) Seminários em que trataram de temas⁴ de interesse das monitoras servindo como capacitações para saídas a campo.

¹ Em 2012 o NETI e o PICG passaram a ser coordenados pela Enfermeira Doutora Jordelina Schier, integrante do Programa de Pró- Extensão (PROEX) da UFSC.

² Dados retirados da secretaria do NETI 2015.

³ O grupo que faz parte das reuniões técnicas é formado por uma assistente social, uma enfermeira (a coordenadora do Projeto), uma estagiária do Serviço Social/UFSC e 20 monitoras.

⁴ Em 2013 aconteceu o seminário no primeiro semestre com o tema “Revitalizando as Ações em Gerontologia”. No ano de 2014 foram dois, o primeiro semestre o tema “Compromisso Social com as Ações do PICG” e, no segundo semestre o tema abordado “Dependência Química e Envelhecimento”.

Desde 2013 o PICG vem atuando com os instrumentos: planejamento e avaliação (ver Anexos A; B); o primeiro (planejamento) tem como objetivo planejar a saída das monitoras a campo, atendendo a demanda solicitada, como afirma Myriam Veras Baptista:

O Planejamento refere-se, ao mesmo tempo, à seleção das atividades necessárias para atender questões determinadas e a otimização de seu inter-relacionamento, levando em conta os condicionantes impostos a cada caso; diz respeito, também, à decisão sobre os caminhos a serem percorridos pela ação e as providências necessárias a sua adoção, ao acompanhamento da execução, ao controle, à avaliação e à redefinição da ação. (BAPTISTA, 2002, p.13)

O planejamento quer dizer o ato de planejar técnico, político e econômico. Provoca o encontro das monitoras, com o intuito de planejar suas saídas a campo, pois o PICG recebe a demanda da instituição e encaminha para as participantes do projeto, que são norteadas pelo fluxograma (ver Anexo C- Fluxograma do PICG).

A avaliação realizada nas reuniões posteriores às saídas de campo é um processo fundamental, em que, é discutido se os objetivos do PICG, das monitoras e da instituição que demandou, foram alcançados, como sugere um dos documentos do Conselho Federal Serviço Social (CFESS):

A avaliação ex-post, realizada após execução do projeto, busca obter elementos para fundamentar decisões qualitativas (continuar ou não com o programa) e quantitativas (manter a formulação original ou introduzir modificações).[...] auto avaliação- realizada por pessoas envolvidas diretamente na execução do programa (CFESS, 2009, p.70).

Esses métodos escolhidos pela equipe técnica do PICG vêm contribuindo para o crescimento do Projeto. A partir das avaliações, há um crescimento do grupo nas saídas subsequentes, pois conseguem rever o que pode ser melhorado (monitoras ou usuários), surgindo novas ideias para o planejamento seguinte.

1.2. O PICG e as ações desenvolvidas pela Federação Catarinense de Municípios (FECAM) no estado de Santa Catarina

O envelhecimento populacional tornou-se uma realidade desafiadora, principalmente para os países em desenvolvimento, como o Brasil. De acordo com Mariana Barros (2015)⁵:

⁵ BARROS, Mariana. 2015. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/2015/03/24/idosos/>, acessado em 08 de junho de 2015.

Previsões da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que, até dezembro de 2015, a população de crianças com menos de 5 anos será ultrapassada pela faixa com mais de 65 anos de idade. Isso vem acontecendo por duas razões principais: aumento da expectativa de vida e diminuição das taxas de fecundidade. No Brasil, esse índice é de 1,9 — era de 6,16 em 1940. E a expectativa de vida já ultrapassa os 73 anos de idade⁶.

Previendo esses desafios sobre o envelhecimento, de 2012 a 2014, o NETI através do PICG estabeleceu um convênio com a Federação Catarinense de Municípios (FECAM), desenvolvendo ações em todo o Estado de Santa Catarina, com o objetivo de contribuir na implementação de Programas Gerontológicos e capacitar profissionais do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, acerca do processo de envelhecimento junto às prefeituras catarinenses que aderirem ao Projeto, como podemos constatar no Trabalho de Conclusão de Curso de Cristiane Vieira (2012, p.25):

Foi assinado convênio com a Federação Catarinense de Municípios – FECAM, pela qual as instituições listadas no mesmo – NETI – UFSC- FECAM – pactuaram um programa de capacitação *in loco* nas diferentes regionais do estado de Santa Catarina, com vistas a trabalharem uma proposta sobre o processo de envelhecimento com os demais profissionais do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. O foco de tais treinamentos deverão atender às demandas dos demais profissionais do SUAS que integram os serviços da proteção básica e em especial aqueles que se voltam aos serviços sócio assistenciais de acordo com o art.24 da LOAS, LEI 8.742/93.

Ao dialogar com Janice Merigo (2013), o atendimento (Anexo D- Fluxograma de atendimento) à pessoa idosa em Santa Catarina é um novo desafio que aponta para novas perspectivas de vida e um novo reordenamento na organização de políticas sociais. O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social e é dever do Estado garantir à pessoa idosa, a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. A garantia desses direitos está determinada na legislação do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 e 1º de Outubro de 2003, considerada uma das maiores conquistas da população idosa no Brasil.

No ano de 2014 com demandas recebidas de todas as regionais/FECAM, o PICG saiu a campo com técnicas do Projeto e monitoras, difundindo uma nova mentalidade frente ao processo de envelhecer, que pudessem traduzir-se em comportamentos preventivos para a população em geral, transmitindo uma nova perspectiva de vida com vistas a um novo papel social do idoso, como esclarece Potyara Pereira (2002, p. s/p):

Em suma, a assistência social constitui uma área estratégica para manutenção de uma ampla rede de proteção para as pessoas idosas que, para além do benefício de

⁶BARROS, Mariana. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/2015/03/24/idosos/>. Acesso em 08 de junho de 2015.

prestação continuada, previsto na Constituição, inclui: centros de convivência, casas lares, abrigos, centros de cuidadores diurnos, atendimento domiciliares, dentre outros, em articulação com as demais políticas públicas. [...] Tudo isso tem contribuído para que a assistência social colabore para a melhoria do bem-estar da pessoa idosa, na medida em que proporciona a esse segmento populacional, com o controle da sociedade, possibilidades de participação social e usufruto de bens, serviços e direitos.

Para tanto, o NETI/PICG juntamente com a FECAM, está proporcionando através das capacitações nas regionais de Santa Catarina, um maior conhecimento dos profissionais que atuam junto a essa Política. Vimos que com os desdobramentos dessas atividades, muitas são as questões levantadas por parte dos profissionais, sejam assistentes sociais, psicólogos ou educadores sociais, acerca do processo de envelhecimento.

Essas capacitações provocam reações por parte dos trabalhadores do Sistema Único Assistência Social (SUAS) que adquirem o conhecimento e passam a atuar no seu campo de trabalho, como também das monitoras do Projeto, onde idosas conseguem desmistificar alguns preconceitos, contribuindo para um novo olhar da sociedade perante o fenômeno do envelhecimento. Com esse propósito o PICG saiu a campo e atingiu em 2014, 483 (quatrocentos e oitenta e três) trabalhadores do SUAS.

Na tabela abaixo, em 2014 o PICG aponta em seus registros as saídas a campo, no qual foram alcançados 70 municípios, através das regionais do Estado de Santa Catarina:

Regionais	Municípios Sede	Total de Profissionais
AMERIOS	Maravilha	80
AMAVI	Rio do Sul	62
AMREC	Criciúma	80
AMPLASC	Campos Novos	100
AMOSC	Chapecó	83
AMVALI	Jaraguá do Sul	78
GRANFPOLIS	Florianópolis	90

Tabela 1 - demonstrativa dos profissionais atingidos no Estado de Santa Catarina. Fonte: Dados obtidos na Secretaria do NETI, 2015.

Todavia, o contingente de pessoas que essas capacitações atingiram foram maiores, pois além de abordar os profissionais, estes levaram o conhecimento para as áreas de trabalho e para a realidade vivida em suas próprias famílias e comunidades.

2. As Protagonistas das ações: conhecendo as idosas líderes do Ribeirão da Ilha

Uma das líderes da comunidade do Ribeirão da Ilha (Florianópolis/SC) visitou o NETI em março de 2014 e solicitou ao PICG, uma demanda para desenvolver ações de trabalho com lideranças da comunidade em que todas eram mulheres idosas. Na data de 08 de abril de 2014, duas monitoras, juntamente com a Assistente Social e a estagiária do Serviço Social do NETI foram até à comunidade conhecer as lideranças e acolher o pedido das mesmas. Neste dia, a equipe de monitoras ficou conhecendo⁷ os grupos que existiam na comunidade, em que as mulheres idosas são lideranças. Constatou-se: Grupo de Convivência para Idosos (vinte e cinco idosos); Grupo de Liturgia da Igreja (dez mulheres); Grupo de Artesanato (dez mulheres); Grupo Folclórico (trinta e duas pessoas); Conselho Comunitário; Grupo de Catequistas (duas líderes, atendendo várias crianças e adolescentes) e Pastoral do Idoso (oito mulheres⁸). Alguns grupos têm encontros semanais outros quinzenais, sendo que a maioria se encontra no Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora da Lapa e na sede do Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha.

Um mês depois a equipe voltou à comunidade e desenvolveu uma dinâmica com um grupo de aproximadamente 10 (dez) lideranças, com o objetivo de escutá-las e levantar as necessidades das mesmas.

A equipe formada reuniu-se durante uma semana, com o objetivo de planejar as atividades que seriam desenvolvidas com as lideranças da comunidade do Ribeirão da Ilha. As primeiras ações realizadas foram dinâmicas de grupo, com a finalidade de integração e autoconhecimento.

Os relatos das mulheres nos chamaram a atenção, em função de serem ao mesmo tempo idosas, mulheres e assumirem um número excessivo de tarefas na comunidade. Contudo, era necessário conhecer melhor essas líderes, desenvolver estudos sobre o “processo de liderança”, o envelhecimento, o trabalho em grupo, bem como nos aproximar mais da comunidade. Esta demanda colocou-se como de fundamental importância para o NETI/PICG, e como uma possibilidade de inserção para o serviço social.

O trabalho com grupos sempre esteve presente na atuação do assistente social e hoje é uma estratégia de intervenção, que vem sendo cada vez mais utilizada e repensada frente às demandas da população e às perspectivas que as políticas públicas vêm apresentando, principalmente a de Assistência Social, como afirma Teresa Lisboa (2013):

⁷ Informações obtidas através da Líder Boca de Leão.

⁸ Essas mulheres são todas líderes de outros grupos. Elas atendem idosos acamados em suas residências.

Na dimensão grupal, o foco são as relações grupais e o fortalecimento dessas relações. O objetivo é trabalhar a dinâmica interna e externa das relações grupais, ou seja, os processos grupais e o coletivo. A identidade do grupo, os vínculos afetivos e a cidadania são os grandes temas abordados no grupo. (LISBOA, 2013, p. 01).

O trabalho de grupo desenvolvido pelo PICG com essas mulheres, além de propiciar a capacitação e a integração entre as mesmas, atinge também toda a família, na medida em que repassa informações de saúde, cidadania e educação permanente.

A partir de nossa inserção na comunidade, essas mulheres tornaram-se sujeitos da pesquisa, e estabeleceu-se a necessidade de conhecermos suas trajetórias de vidas, com a finalidade de desvendar o que leva essas protagonistas do Ribeirão da Ilha a se destacarem como lideranças. Maria da Glória Gohn (2007) ressalta o papel que as mulheres têm assumido nas ações coletivas públicas:

Nos movimentos organizados, segundo a temática do Gênero, as mulheres destacam-se por serem as que têm tido os maiores índices de participação e de organização de suas demandas em entidades associativas (...). Que como grupos de mobilização de causas femininas, quer como participação feminina em diferentes mobilizações, as mulheres têm constituído a maioria das ações coletivas públicas. O conjunto dessas ações une categorias sociais, que criam sujeitos, que produzem movimentos sociais (GONH, 2007, p. 45).

Conforme a autora, as mulheres tem se destacado nos movimentos sociais, atuando como “atrizes” em ONGs, Igrejas, Fóruns, nas associações comunitárias, em entidades assistenciais entre outros.

3. Aproximação e reconhecimento das lideranças

Metodologicamente, este trabalho adotou o tipo de pesquisa qualitativa utilizando como instrumento a entrevista, no qual é preciso utilizar da elaboração do conhecimento próprio. Conforme Roberto Cardoso De Oliveira (2000 p. 17), o "olhar, o ouvir e o escrever". Sendo necessário utilizar o "olhar" com o devido cuidado, utilizá-lo como “prisma”, por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração. É certo que isso não é exclusividade do olhar, uma vez que está presente em todo processo de conhecimento. Mas, é preciso se afastar do nosso pré conceito para conseguir compreender qualquer fato relatado pelas mulheres entrevistadas, pois nosso olhar é disciplinado, é construído não é natural. No caso do "ouvir", é preciso saber ouvir, provocar um diálogo entre o pesquisador e a entrevistada, onde o responsável pela pesquisa não estabeleça uma hierarquia, deixar que a conversa ocorra com tranquilidade, sem questionamentos. Depois de olhar e ouvir, chega o momento de o pesquisador "escrever", essa parte passa a ser quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar.

Para conhecermos as mulheres que exercem liderança no Ribeirão da Ilha, escolhemos a pesquisa qualitativa que, de acordo com Rita Gonçalves e Teresa Lisboa (2007):

Tem sido resgatada nas ciências sociais por se considerar que ela abarca uma relação inseparável entre o pensamento e a base material, entre a ação de homens e mulheres enquanto sujeitos históricos e as determinações que os condicionam, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados. (...) são indispensáveis em fenômenos que se manifestam em longos intervalos de tempo – como o caso de trajetórias de modalidade social ou mudanças geracionais (GONÇAVES; LISBOA. 2007, p. 84).

A entrevista também representa um dos instrumentos que possibilita a tomada de consciência pelos assistentes sociais das relações e interações que ocorrem entre a realidade e os sujeitos, individuais ou coletivos. Ou seja, a entrevista tem a capacidade, de ao final do processo, resultar em conhecimentos e informações, tanto para o profissional envolvido (assistente social) como para os sujeitos demandantes, sempre em busca dos objetivos a serem alcançados, como apresenta Alzira Lewgoy e Esalva Silveira (2007):

A entrevista e suas técnicas se efetivam nos processos de trabalho do assistente social a partir do seu referencial ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo. É ele que oferece a âncora para a entrevista aportar nos espaços de conhecimento, crescimento e liberdade na construção de acesso aos direitos sociais (LEWGOY; SILVEIRA. 2007, p.19).

Para desenvolvermos as entrevistas com as mulheres, inicialmente, marcamos um encontro na comunidade com a finalidade de apresentarmos o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. Neste dia estavam presentes 8 (oito) lideranças e utilizamos a dinâmica do “Novelo de Linha”, na qual cada pessoa do grupo pega o novelo e corta um pedaço de linha do tamanho que lhe agrada. Na sequência, cada integrante vai enrolando a linha no dedo e respondendo a pergunta: “quem é você?”, até findar o pedaço de linha que a mesma cortou. A dinâmica propiciou um diálogo, na medida em que cada participante foi perguntando e conhecendo melhor as colegas que não conheciam, resultando uma aproximação entre as idosas e a pesquisadora responsável pela aplicação da dinâmica.

Após esse momento, convidamos as lideranças a fazerem parte da Pesquisa, pedindo permissão para concederem entrevistas individuais. Seis, das oito que estavam presentes, acataram o pedido. Passamos a lista de inscrição e em seguida, as mesmas foram convidadas a escolher um nome de flor que seria utilizado como “pseudônimo”, para que seus nomes fossem preservados. Também foi lido o Termo de Consentimento e explicado sua finalidade. Fechamos a apresentação com a mensagem do “Tição Apagado”:

É uma tarde fria na roça. Várias pessoas conversam em redor do fogão a lenha, na casa da Dona Graça. O assunto passou da plantação para política e foi cair nos problemas religiosos da comunidade. Após uma pequena pausa, em que se ouvia o crepitar da lenha no fogão, Dona Graça perguntou à comadre Benta porque não tinha ido para igreja no último domingo. - Ah! Comadre estou perdendo o gosto de ir para

igreja. Só se vê o que não presta e se escuta o que não se deve escutar. Prefiro rezar em casa mesmo. D. Graça estava fumando um enorme cigarro de palha que se apagava a todo instante. Em dado momento acendeu o cigarro com o tição e, meio distraidamente, colocou-o fora da fornalha, longe dos outros tições. A prosa continuou. Quando quis pegar o mesmo tição para reacender o seu palheiro, o tição estava apagado. - Ué! Por que este tição apagou? - Muito simples o motivo. Você o colocou fora do fogão. Sozinho, ele apaga mesmo – respondeu Benta. - Era aí onde eu queria chegar. Esse tição se conservava tão vermelho e tão quentinho quando estava no meio dos outros. Bastou ele se isolar para se apagar, pouco a pouco. Cada um de nós é tição ardente enquanto permanecemos unidos. Se inventarmos de viver separadas, viramos pedaços de carvão. D. Graça entendeu muito bem a lição (Autor desconhecido).

A mensagem fez com que elas concluíssem que viverem unidas, é viver partilhando dos anseios, das frustrações, das derrotas e das vitórias. Concluíram que o companheirismo entre elas deve estar sempre presente e que não querem se tornar um "tição sozinho e apagado", mas sim, um "tição ardente". Nesse momento de conclusões das lideranças serviram para aproximarmos ainda mais do grupo, no qual utilizamos da “observação participante”, que segundo Gilberto Velho (1981), é um método muito utilizado pela antropologia.

A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na idéia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem na superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observações e empatia. (VELHO, 1981, p. 123;124)

Nessas observações durante o encontro, decidimos que seria necessária outras idas na comunidade para cada vez mais chegar próximo da realidade vivenciada por essas mulheres idosas que são líderes de vários grupos, movimentando o Ribeirão da Ilha.

Após esse momento de reflexão definimos o local e a data das entrevistas. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

4. Perfil das lideranças e dos grupos

Neste item, apresentamos um perfil das mulheres que exercem liderança na comunidade do Ribeirão da Ilha, ou seja, coordenam ou participam de diferentes grupos, e das 6 (seis) entrevistadas, apenas 2 (duas) não são reconhecidas legalmente como idosas, mas estão no processo de envelhecimento pelo fato de ainda não terem completado 60 anos de idade, conforme Estatuto do Idoso “Art. 1º. É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”.

Para entender o perfil dessas lideranças vamos contextualizar suas trajetórias de vida, ou seja, o que as motivou a assumir o cargo de liderança na comunidade, a fim de compreender quem são essas mulheres, levando em consideração que todas são nativas do Ribeirão da Ilha e nasceram e cresceram na mesma época.

Os dados para a construção dos gráficos foram obtidos a partir das entrevistas realizadas com essas lideranças.

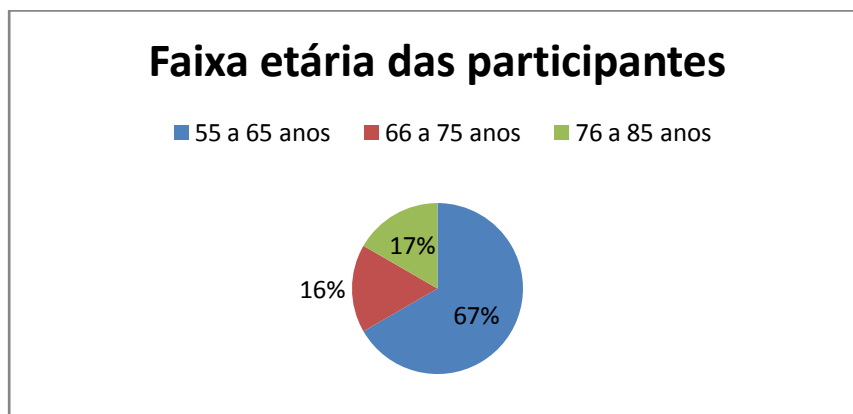


Gráfico 1 - Faixa Etária das Participantes

Os dados que constam no gráfico acima permitem constatar que a maioria (57%) das mulheres entrevistadas encontra-se na faixa entre os 55 aos 65 anos. Estas relatam que nunca trabalharam fora do ambiente doméstico, tendo nos trabalhos sociais da comunidade a oportunidade de adquirir maior satisfação pessoal.

Ao dialogar com Santos e Diniz (2011) a instituição da família nuclear – idealizada pela burguesia nascente – atribuiu papéis específicos de gênero na sociedade. Desde muito tempo, a mulher foi denegada do papel social na vida pública, ficando sua atuação restrita à esfera privada. Na separação dessas esferas, as condições biológicas das mulheres foram usadas como argumento para lhes atribuir o lugar no mundo doméstico. A natureza feminina e as especificidades do ciclo vital que incluem a menstruação, gravidez e amamentação passaram a justificar o seu confinamento ao espaço privado, visto como o seu lugar natural, de direito e dever em função de sua realidade biológica. O cuidado dos filhos passou a ser também atribuição exclusiva das mulheres. Assim, as mulheres passaram a ser, sistematicamente, preparadas para serem mães e esposas notáveis: elas foram convocadas a se dedicarem ao papel de "rainhas-do-lar".

Ocorre, dessa forma, um movimento de idealização e valorização do exercício desse papel. Inseridas nesse modelo, mulheres foram aparentemente reconhecidas por seu

desempenho no espaço privado. Uma família "perfeita" era produto do trabalho de uma esposa exemplar. Tal idealização dificultou ou desqualificou a inserção de mulheres em outros espaços sociais.

Desde a década de sessenta do século XX (no Brasil) que as mulheres paulatinamente, vêm saindo do espaço privado para trabalhar e ocupar um cargo no espaço público. Apesar de estarem passando pelo processo de envelhecimento, as líderes entrevistadas se declararam livres e querem recuperar o tempo em que tinham que cumprir obrigações perante a família e a sociedade. Conseguiram romper barreiras históricas e se realizam pelo fato de estarem exercendo uma atividade diferente daquela confinada ao espaço doméstico.

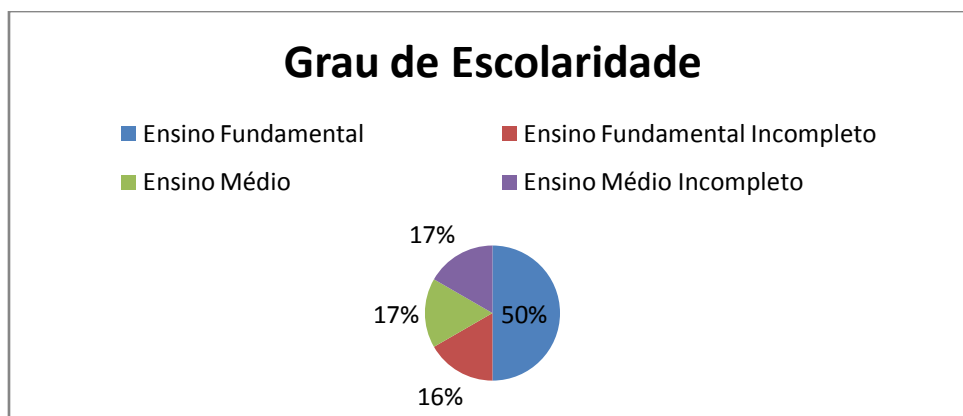


Gráfico 2 - Grau de Escolaridade

Em relação ao grau de escolaridade das participantes, todas são alfabetizadas, sendo que 50% concluíram o ensino fundamental; 16% não concluíram; 34% chegaram ao ensino médio, porém somente 17% delas receberam diploma de conclusão deste grau.

De acordo com Dorálcio Soares (2002, p. 22), “em meados do século XX, a comunidade da Freguesia do Ribeirão da Ilha teve a primeira escola de educação básica. O local onde funcionava a escola era a “sala” de uma casa, cedida por um morador”. Pois eram poucas crianças que podiam se matricular, a maioria tinha que ajudar nos afazeres domésticos ou na *roça* para ajudar no sustento da família.

Na época, conforme as entrevistadas, a primeira causa da dificuldade para estudar era a falta de condições financeiras das famílias que não tinham como manter os filhos na escola, pois precisavam deles para o trabalho braçal. E a segunda causa foi atribuída ao fato de que no Ribeirão da Ilha havia somente uma “Escola Isolada”, que oferecia da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Na expressão de Rossi (2008, p. 153), “as escolas isoladas

representavam outro momento da educação e, comparadas aos grupos escolares, parecem desajustadas diante da racionalização e controle do trabalho nos grupos”.

Apesar de terem como parâmetro a importância da alfabetização, na época, as escolas eram implantadas sem um projeto de educação definido, acarretando no desinteresse tanto das crianças como dos pais, que em sua maioria eram analfabetos.

À medida que os grupos escolares eram criados em zonas urbanas caracterizando um tipo de escola de melhor qualidade [...] consolida-se um sistema escolar excludente de várias maneiras, entre elas, privilegiando determinados setores sociais, principalmente camadas médias e populares relacionadas às atividades urbano-industriais e discriminando setores populares de menor poder aquisitivo vinculados ou não às atividades rurais. (SOUZA, 2009, p. 85)

As crianças que concluíam o Ensino Fundamental tinham como alternativa continuarem os estudos no centro da cidade de Florianópolis/SC. Desta forma desistiam de estudar ou passavam a morar em casas de família em troca de cuidar de crianças ou ajudar nos trabalhos domésticos. Somente na década de 70 do século XX passou a circular transporte coletivo no Ribeirão da Ilha, mas somente em alguns dias da semana, dificultando assim a permanência das crianças na escola.

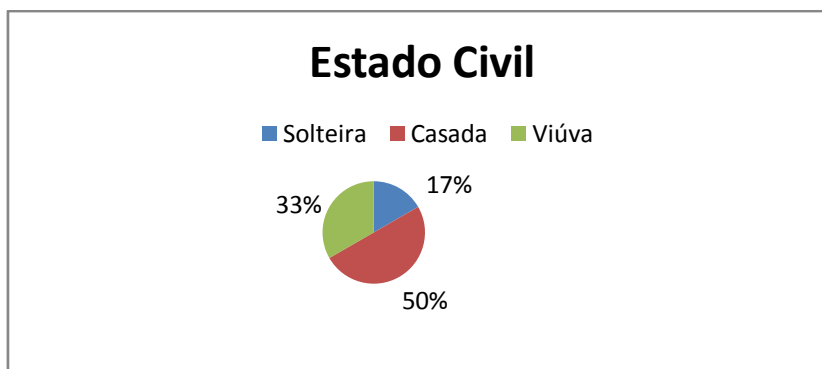


Gráfico 3 - Estado Civil

No que diz respeito ao estado civil das mulheres, boa parte delas foram casadas, exatamente 74%. Dessas, 26% estão viúvas e 18% viveram maritalmente por um tempo, mas não se casaram formalmente. Nas falas das entrevistadas constatamos um grau de satisfação e contentamento em “ter sido casada”, como se tivessem cumprido o dever das mulheres, ou seja, o papel que é considerado “normal” pela sociedade.

Cintia Sarti (2005) lembra que durante muito tempo, a família foi considerada uma instituição “sagrada”, formada a partir do casamento. Com o desenvolvimento do capitalismo, as descobertas da biomedicina com a introdução da pílula anticoncepcional, juntamente com as lutas e conquistas dos movimentos sociais, a mulher passa a conquistar direitos e a concepção de família vai se modificando.

Embora a família continue sendo objeto de profundas idealizações, a realidade das mudanças em curso abalam de tal maneira o modelo idealizado que se torna difícil sustentar a ideia de um modelo adequado. Não se sabe mais, de antemão o que é adequado ou inadequado relativamente à família. (SARTI, 2005, p. 25)

De acordo com a citação, as mulheres protagonistas do Ribeirão saíram do casulo com maior facilidade com a chegada da viuvez ou assumindo sozinhas as chefias da família, como foi o caso de “Boca de Leão” que foi corajosa e decidiu criar sua filha sozinha.

Na entrevista realizada consta que, essas mulheres não tinham escolhas. Aquelas que tiveram a coragem de romper com essas barreiras, hoje se dão por satisfeitas pelas conquistas obtidas.

Conquistas também podem ser registradas, a partir do momento em que as mulheres idosas ficam viúvas. De acordo com Alda Brito da Mota (1998), ficar viúva ou morar sozinha pode significar uma situação privilegiada na medida em que as mulheres nesta condição conseguem ter uma vida mais independente. É o caso de 44% das entrevistadas que assumiram os cargos de liderança da comunidade pelo fato de estarem menos presas ao relacionamento conjugal.

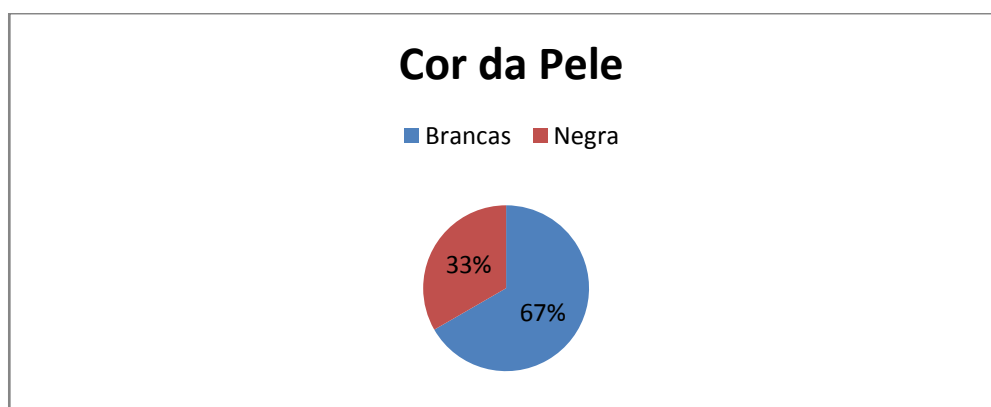


Gráfico 4 - Cor da Pele

Conforme este gráfico, 33% das idosas líderes da comunidade do Ribeirão da Ilha se declararam de cor negra. Santa Catarina é conhecido como o estado que tem o menor índice de negros no Brasil (11% da população) e, por conta disso, é comum se ouvir que por aqui não há nenhum problema de racismo ou de violência contra o povo negro.

Ao dialogar com Sergio Luz (1994), entende-se que “desde a metade do ano de 1700, bem antes da abolição, já havia famílias de negros, a maioria formada por fugitivos da escravidão e recém libertos, vivendo no maciço do Morro da Cruz”. Logo, por aqui também vicejou os quilombos, espaço de liberdade e resistência. Apesar de a escravidão ter chegado

mais tarde nas terras do sul, ela veio com todas as mazelas e, ao terminar, também deixou uma população negra em situação de difícil sobrevivência. A comunidade do Ribeirão da Ilha também “foi um berço de pessoas que vieram para trabalhar como escravos, que após a abolição de 1888, permaneceram no local e nos arredores e foram protagonistas na construção da história”. Livres, mas nem tanto, uma vez que, como nos demais estados do país, não houve políticas de inclusão, e não diferente dos outros locais, foram vítimas de preconceitos, o que ocorre até hoje: muitos ainda são estigmatizados pela cor da pele.

No caso das protagonistas do Ribeirão da Ilha, ao se tornarem líderes, tiveram que ultrapassar as barreiras de serem mulheres e negras, como afirma Matilde Ribeiro:

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da "mãe preta", fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo (RIBEIRO, 2008, p.988).

No Ribeirão da Ilha não é diferente, pois essas mulheres negras se destacam no meio de outras líderes, lutando contra os estereótipos, desafiando a dominação masculina – e também feminina -, se defrontando a cada dia com a difícil tarefa de romper com a barreira do preconceito.

A população negra é bem expressiva no Ribeirão da Ilha, conforme estudo desenvolvido na comunidade por Sergio Luz (1994), parte integrante do universo populacional da comunidade é de origem africana, sendo que foi mais intensa enquanto perdurou a escravidão.

A população escrava cresceu em ritmo mais acelerado do que a população livre (...) chegando a apresentar entre 1810 e 1820 um crescimento médio anual de 3,2%. Na medida em que diminuiu a participação das migrações como fator responsável pelo crescimento da população, passando esta a depender, basicamente, do crescimento natural. As taxas anuais de crescimento da população livre e escrava tenderam a declinar particularmente a partir de meados do século XIX (LUZ, 1994, p. 60).

Contudo, não significa que não houve momentos de conflitos entre a população que era classificada como diferente devido o tom da pele. No Ribeirão encontramos traços dessa tensa convivência com os brancos, pois até hoje, a comunidade conserva os casarões que eram chamados “Salões de Baile”, um que era só para pessoas consideradas brancas e o outro somente para pessoas consideradas negras. Nesses casarões, antigos salões, atualmente moram famílias que preservaram a arquitetura da época.

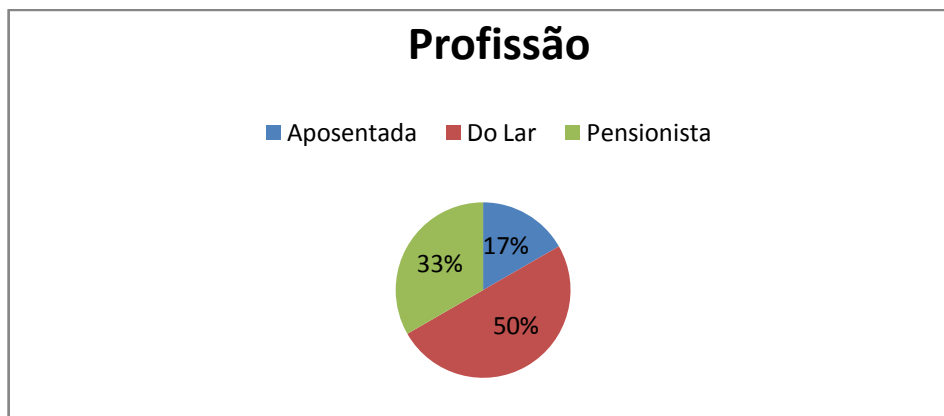


Gráfico 5 - Profissão

Conforme os dados do gráfico acima, apesar de 50% das mulheres se autodenominarem “do lar”, nenhuma delas exercem atualmente atividade remunerada, mesmo porque 17% delas são aposentadas e 33% pensionistas . Com a separação da esfera doméstica da produção, os espaços públicos e privados aos poucos são delimitados, e os papéis sociais vão sendo destinados para homens e mulheres. Nesse sentido pontua Rocha-Coutinho (1994 p. 32-33):

[...] Os homens ficam com o espaço público da produção, ficam com as grandes decisões e com o poder. Para as mulheres são atribuídas às responsabilidades da reprodução, em todas as suas formas no seio da família, e tal trabalho de “reprodutora” é naturalizado. É assim que o trabalho doméstico da dona-de-casa, seu valor e esforço, sua contribuição ao bem-estar social, não é reconhecido como trabalho e não se reveste, portanto, de prestígio social.

O papel de dona de casa é originário dos desdobramentos da condição feminina. Foi possível identificar, através dos depoimentos das participantes, a presença da herança cultural de gênero. Esta estabelece rígidas divisões de papéis entre masculino e feminino, além de colocar a mulher no espaço privado e o homem, no público. Essa é uma herança adquirida, conforme resgatamos o contexto histórico da comunidade do Ribeirão da Ilha, observamos que as mulheres, ainda meninas, eram educadas para serem esposas, donas de casas e mães.

II CAPÍTULO: As trajetórias de vida das líderes da Comunidade do Ribeirão da Ilha

Sabemos que a realidade está em constante transformação, porém, é preciso entender o passado dessas lideranças para compreender o contexto histórico atual. De acordo com Gonçalves e Lisboa (2007):

A trajetória de vida é um modelo de análise, se projeta como uma proposta investigativa que implica um processo de compreensão dos fatos, das relações sociais e pretende, à luz das trajetórias dos sujeitos, mobilizá-los em direção à participação social, empoderamento e conquista dos direitos de cidadania (GONÇALVES; LISBOA 2007, p. 91).

As autoras defendem que este procedimento metodológico propicia maior conhecimento sobre a realidade das mulheres, nesse caso, as moradoras da comunidade do Ribeirão da Ilha. Através dessa modalidade de “Relatos Orais”, foi possível resgatar as falas das mulheres idosas.

As trajetórias de vida são consideradas “trilhas de vida no tempo e no espaço” e podem proporcionar uma autoavaliação da própria vida dessas mulheres, contribuindo para que avaliem as suas atividades enquanto lideranças, bem como lançar um olhar ao passado, ressignificando a sua vida íntima e familiar.

Para acompanharmos melhor as trajetórias de vida das mulheres entrevistadas, consideramos importante conhecermos a história do Ribeirão da Ilha.

1.1. História do Ribeirão da Ilha

Os primeiros habitantes do Ribeirão da Ilha foram índios do Grupo Guarani que, depois dos contatos com o homem europeu, adquiriram a denominação de “Carijós”. Esse nome, na língua dos Tupi-Guarani, indica a geração de homens resultantes da mistura do "claro" com o "escuro", alusão aos filhos que os ibéricos, de pele branca, geraram com índias de pele escura. Estudos realizados por Jean Antônio (2006) na Comunidade, a presença dos espanhóis no território do Ribeirão da Ilha teve início em março de 1515 e completará 500 anos em 2015:

Entre 10 de outubro de 1526 e 30 de abril de 1527 esteve aqui o navegador veneziano Sebastian Caboto a serviço da Coroa espanhola. Em sua estada e permanência na Ilha, então denominada de Ilha dos Patos ou Meimbipe, e tendo contatos com os espanhóis moradores, o navegador decidiu assegurar a posse da ilha para a Espanha. Em 25 de novembro de 1526, ele batizou a Ilha com o nome de Santa Catarina em referência à Santa católica, a Virgem de Alexandria, nome que perdura até hoje e já aplicado para todo o Estado de Santa Catarina (ANTONIO, 2006, p.08).

Mais tarde, com o objetivo de tornar as terras produtivas e assegurar as posses portuguesas no Brasil Meridional, conforme Ariana Espindola (2010) “um grupo de 60 famílias veio desenvolver a população do Ribeirão da Ilha.” A autora também relata a arquitetura da comunidade.

O centro histórico, sede da antiga Freguesia, é um dos mais antigos núcleos de colonização açoriana, fundado em meados do século XVIII. O cenário é expressão

da arquitetura colonial portuguesa, constituído pelas casas geminadas, alinhadas na rua fronteira ao mar e dispostas ao redor da pracinha, tendo a igreja na cabeceira. A Igreja de Nossa Senhora da Lapa, Sé da Paróquia, foi inaugurada em 1806, construída pelos senhores e seus escravos, em alvenaria de pedra, cal e azeite de baleia, vindo da Armação. Faz parte de um conjunto arquitetônico preservado por lei municipal de 1975, juntamente com o cemitério, aos fundos, e ao lado, o Império do Divino Espírito Santo, local da Festa do Divino, tradição religiosa açoriana. (ESPINDOLA, 2010, p. 74)

Atualmente o centro histórico do Ribeirão da Ilha é ponto turístico da capital do Estado de Santa Catarina. A Igreja Nossa Senhora da Lapa passou por uma reforma para a qual foram contratados historiadores com o intuito de recuperar as partes artísticas perdidas.

Voltando na história da freguesia, a unidade produtiva que representou muito bem essa auto-suficiência foram os engenhos. De acordo com Jean Antonio (2006):

Implantados quando se deu a ocupação mais volumosa e com ela a necessidade de aumentar a produção de farinha, o primeiro engenho data aproximadamente de 1768, e é um exemplo de como as trocas e fusões culturais alteram os modos de fazer de uma sociedade, uma vez que se caracteriza pela adaptação do modo de fazer farinha do indígena ao conhecimento de moagem trazido pelo açoriano (ANTONIO, 2006, p. 13).

Com a chegada dos açorianos, além dos engenhos de farinha, a renda de bilro também começou a ser trabalhada pelas famílias do Ribeirão. Esta atividade era desenvolvida, principalmente, pelas mulheres e meninas ainda crianças e foi um marco nos relatos das mulheres, pois lembram que quase todas as famílias da comunidade adotaram esse artesanato e o mesmo contribuía significativamente na renda familiar. De acordo com o Programa de Promoção do Artesanato (2015), o trabalho do homem era a pesca e o das mulheres era a renda de bilro:

Na Ilha de Santa Catarina, a renda de bilro apareceu por influência dos açorianos, no século 18. Enquanto os homens passavam longos períodos na atividade da pesca, com redes artesanais, as mulheres ocupavam o tempo livre tecendo fios em almofadas de bilro. As rendas produzidas eram vendidas no mercado da cidade ou trocadas por produtos de necessidade básica para reforçar o orçamento familiar, numa tradição cultural, passada de geração a geração, e que originou o ditado popular “onde há rede, há renda”. (PROMOART, 2015)

Atualmente a renda ainda é produzida no Ribeirão e exportada para diversos países, contribuindo com o comércio local. Muitas famílias, porém, continuam cultivando essa cultura meramente por prazer, e fazem questão de passá-la de geração em geração, o que se tornou uma das marcas da Freguesia do Ribeirão da Ilha.

De acordo com Dorálecio Soares (2002), na comunidade também é acentuado a preservação do folclore:

É o conjunto de todas as tradições, lendas e crenças de um país, pode ser percebida na alimentação, arquitetura, gastronomia, linguagem, artesanato, religiosidade,

meios de transportes, documentos e vestimentas de uma nação. O folclore segue um calendário religioso com dias certos para cada santo (SOARES, 2002, p.34).

No Ribeirão encontramos um dos mais variados e ricos folclores de todo território catarinense: as festas religiosas como a do Divino Espírito Santo com duração de uma semana, sendo atrativo turístico; no mês de novembro acontece a celebração do “Pão por Deus”, uma cultura trazida de Portugal, na qual os moradores confeccionam pequenos corações de papel e entregam para suas melhores amigas e amigos; as festas juninas com as tradicionais danças de quadrilhas e fogueiras, o “Boi de Mamão”; o “Carnaval do Zé Pereira” que reúne milhares de pessoas todos os anos no sábado de carnaval, entre outros.

A comunidade do Ribeirão da Ilha preserva estes costumes e tem investido na gastronomia, oferecendo pratos a base de frutos do mar, tornando a Freguesia do Ribeirão da Ilha ainda mais atraente. Essas tradições têm sua herança advinda tanto dos costumes de povos europeus, como dos indígenas e africanos, moldados pelo processo miscigenado da maneira como se deu a colonização e proporcionando um aumento de turistas, que vem prestigiar tanto a gastronomia como conhecer a história do lugar que se destaca através do Casario que preserva os traços da cultura açoriana.

É neste cenário que nasceram e viveram as mulheres que foram sujeitos de nossa pesquisa. A seguir apresentaremos suas trajetórias de vida, iniciando pela Infância, passando pelas fases da Juventude, Maturidade (casamento) e Envelhecimento.

1.2. Marcas da Infância - respeito aos pais: obediência, carinho e castigos

A vida dos moradores do Ribeirão da Ilha, em meados do século XX, era de muita simplicidade: a agricultura em pequenas propriedades, a pesca e a renda é que sustentavam a maioria das famílias. Em decorrência dessa realidade as crianças⁹ ajudavam no sustento da casa, havendo pouco tempo para as brincadeiras como podemos ver no depoimento a seguir:

Então, não tínhamos tempo para brincar muito, de manhã levantava cedo tomava um cafezinho e ia para escola até o meio dia. À tarde, ainda pequena, fazia renda e cuidava dos irmãos. Era importante ajudar na renda, para ter dinheiro para comprar material de escola, uma fazenda para fazer nossa roupa... (MARGARIDA, 2015).

Esse relato é da maioria das mulheres entrevistadas, todas precisaram trabalhar e ajudar a cuidar dos irmãos quando pequenos. Na época, as meninas eram educadas para serem

⁹As crianças aqui mencionadas, atualmente são mulheres idosas. Camélia 84 anos; Violeta 76 anos; Margarida 68 anos; Boca de Leão 60 anos; Rosa 59 anos e Orquídea 56 anos.

donas de casa e mães, por isso, os pais não davam importância para que elas fossem estudar. Conforme Margarida (2015): *“era um sacrifício ir para a escola. Estudei até o 4º do primário, o pai não tinha dinheiro para nós continuarmos nossos estudos no centro de Florianópolis.”*

Como podemos constatar no depoimento, a criança que chegava ao último ano (4ª série), acabava desistindo por falta de dinheiro e de meio de transporte.

Outra questão que impedia as meninas de irem para a Escola, era a falta de apoio familiar como nos relata Boca de Leão (2015): *“Meu uniforme e material era a vizinhança que me dava, meu pai tinha possibilidade de comprar, mas para ele filha mulher tinha que ficar dentro de casa trabalhando. Eu disse que ia estudar e fui estudar”.*

A maioria das entrevistadas sabe ler e escrever, ou seja, são alfabetizadas e atuantes na Igreja, fazendo leituras e escritas, principalmente no registro das atas nos grupos das quais são responsáveis.

Os dias de domingo foram lembrados pelas entrevistadas como dias para brincar, passear na casa dos parentes que moravam nos arredores ou na própria comunidade do Ribeirão da Ilha, como o caso de Rosa (2015):

Quando menina eu gostava dos dias de domingo. Meu pai, minha mãe e eu íamos de bicicleta para casa da minha vó, todos na mesma bicicleta. Passava o dia inteiro na casa dela, na chegada ia direto para o pé de pitangueira, adorava brincar na sombra de casinha. (ROSA,2015)

As lembranças da entrevistada demonstram que a maioria das famílias preservavam os dias de domingo para se reunir. Ela relata também as características do sítio da avó:

Outra coisa que eu gostava, era de pular as porteiras feitas de bambu, essas eram para impedir o gado de fugir. Às vezes ficava um tempão sentada na porteira, observando o sítio simples da vó. Lá tinha muitos pés de frutas, adorava colher laranja, pêssego; também no final da chácara tinha uma casinha de “pau a pique” que pertenceu aos meus bisavós, próximo de um rio com peixe e camarão de água doce, vivia tomando banho, o lugar era lindo.(ROSA, 2015)

Naquela época, a diversão das crianças tinha muita relação com a natureza, e o comum entre as famílias eram os encontros dominicais, e quando esses não aconteciam provocavam tristezas, principalmente entre as crianças, como descreve Rosa (2015):

Na casa da vó tinha um baú grande, ela guardava a roupa de cama. Subia nele e sentava observando o bambuzeiro próximo da casa. Minha vó cozinhava num fogão a lenha;nem ela nem meus pais tinham fogão a gás. Essas visitas aconteciam todos os domingos, até os meus seis, sete anos, quando aconteceu que na ida para casa da vó tranquei meu pé no aro da

bicicleta, e nós três caímos. Então fiquei um bom tempo sem ir para casa da vó. (ROSA, 2015).

A vizinhança era muito unida e as crianças eram muito criativas em torno do que a natureza proporcionava e sempre encontravam um motivo para se encontrarem, conforme diz Rosa (2015):

Também tinha uma vizinha na casa dos meus pais, adorava brincar lá. Tinha um pé de cafezeiro e limão, embaixo dessas árvores brincávamos de casinha, eu ela e a prima dela. Os limões não paravam no pé, apanhávamos, fazíamos limonada e farinha de mandioca com açúcar e comia. A nossa casinha era muito limpinha, apanhávamos vassoura de carqueja para limpar, mas sempre tinha alguns meninos para atrapalhar a brincadeira, quase sempre brigávamos com eles. Quando isso não acontecia, nós brincávamos de taco dentro do quintal mesmo. Mas eles adoravam armar alçapão para pegar os passarinhos, às vezes eles assavam e todas as crianças comiam, era bom. (ROSA, 2015)

Diferentemente dos dias atuais, as crianças da comunidade tinham no espaço da rua várias brincadeiras que envolvia a maioria delas. O domingo era o dia propício para brincar intensamente. A infância dessas mulheres contrasta com o ritmo de vida moderna, no qual as famílias não tem tido muitas opções a oferecer às crianças, que permanecem isoladas em seus mundos, dedicando esse estágio da vida somente para ir à escola, assistir televisão e jogar nos computadores.

As brincadeiras da época faziam com que as crianças interagissem umas com as outras, a amizade e o vínculo de afeto prevalecia na comunidade dando a entender que todos e todas eram irmãos. Igualmente, ao compararmos aquela época aos dias atuais, o que vimos na sociedade em geral é a ideologia do medo, perpassando as fronteiras das comunidades e as pessoas permanecendo trancadas no isolamento das casas e mal se comunicam.

Apesar do Ribeirão da Ilha ainda ser considerado uma comunidade tranquila, com a maioria dos seus traços culturais preservados, os nativos congregaram os “avanços tecnológicos” às suas vidas, acompanhando os chamados “progressos”. Por isso, quando as mulheres protagonistas da comunidade relataram a infância, as mesmas se emocionaram, pois mesmo tendo uma série de dificuldades na época, elas recordam essa fase da vida com saudades, como um tempo de inocência e simplicidade.

Minha infância foi muito boa apesar de limitada. Não tínhamos tempo para nos divertir, tinha que trabalhar para ajudar nossos pais. Quando chegávamos da aula, às vezes nem comida tinha. Era assim, tempo difícil, mas, bom. Hoje gosto de recordar da época de criança, era esperar pelo inverno para raspar mandioca e fazer biju. (ORQUIDEA, 2015)

A agricultura para sobrevivência era presente nas famílias do Ribeirão, por isso, os relatos da fatura da farinha de mandioca e de outros alimentos que eram plantados na comunidade, segundo Violeta (2015): *“ainda criança ia para a roça de carro de boi dormindo até chegar ao morro. Éramos pequenos não podíamos carregar o balaio, então duas crianças pegavam o balaio e levavam até o carro de boi”*.

Enquanto que a maioria das famílias sobrevivia dos produtos que cultivavam, dos peixes que pescavam e da renda de bilro, o pai de Camélia era funcionário da Telefônica Catarinense, e no final do mês seu pai tinha o dinheiro garantido: *“Minha infância foi muito boa, naquele tempo éramos todos pobres. O único que trabalhava fora era o meu pai, na Telefônica Catarinense, ele era analfabeto mais arrumava empregos bons”*.

Mesmo com pouco dinheiro em circulação na comunidade, pouco alimento havia para comprar, pois as pessoas plantavam para seu próprio sustento. Camélia lembra que seu *“irmão quando nasceu foi alimentado com mingau, leite de vaca e farinha de mandioca”*. Todavia, seu pai tinha dinheiro para comprar outro alimento para as crianças, mas nada era produzido para venda.

Orquídea recorda que quando seu pai ia para pescaria era certeza de peixe na mesa. O Ribeirão da Ilha além da agricultura, podia contar com o mar e com um pequeno riacho de água doce.

Quando ele chegava da pescaria, esperávamos em volta da mesa, por que ele sempre trazia peixe. Minha mãe colocava uma bacia com pirão d’água, e colocava colheres, ali dividíamos o almoço entre nossos pais e os irmãos, tudo no maior respeito. O arroz e a carne eram somente quando tivesse as festas da páscoa e as natalinas. (Orquídea, 2015)

Outro fator que chama bastante atenção na época de crianças dessas mulheres era o respeito pelos pais. Somente Boca de Leão teve uma infância diferente das outras mulheres, pois seu pai foi um homem que a maltratou, tendo que submeter-se durante toda a infância, senão sofria violência física.

Meu pai era muito agressivo, um dia fazendo a casa que hoje é a minha, só que antes era de madeira; ele me mandou fazer um negócio eu disse que não ele jogou um pedaço de madeira e pegou na minha coluna, as pessoas disseram que eu fiquei desmaiada uns quinze minutos, e ele nem deu bola, continuou trabalhando. Ele era muito rígido, às nove horas da noite tínhamos que tá dormindo. Lembro que tinha uns nove, dez anos fui à casa do compadre dele que é meu primo assistir televisão, eles eram os únicos que tinham televisão na época. Deu nove horas da noite eu não apareci ele foi me buscar embaixo de chuva, eu apanhei de cinta até chegar a casa, mas eu não deixei cair uma lágrima, não corri, não resmunguei. Mas quando eu cheguei a casa eu disse para minha mãe se eu tivesse um facão eu enterrava no peito dele. Ele era muito ruim. (BOCA DE LEÃO, 2015)

Ela também não tinha apoio de sua mãe, que era uma pessoa reservada “*Eu e minha mãe também não tivemos uma relação boa, eles eram muito fechados, não tinha carinho, não conversavam, não tinha amizade*”. Além de não receber apoio da família, Boca de Leão sofreu muito com racismo, principalmente no período da Escola Isolada.

Era muito encrenqueira, batia todo dia em um aluno, sofri muito com racismo. Era chamada diariamente de macaca, “lá vem a Negra” geralmente eram as meninas loiras. Tive uma professora que foi muito ruim comigo, ela tinha que me proteger, pois também era negra, está me colocou de castigo no areão no pátio. Tinha batido numa menina por causa do racismo que estava recebendo. Fiquei meia hora no areão, quando saí eu peguei a menina na rua dei uma surra, mas ela continuou todos os dias a me chamar de negra. Outro dia a mesma professora não deixou ir ao banheiro, disse que ia fazer na sala. Quando ela começou a fazer o sinal da cruz da oração eu fiz xixi na sala, e não limpei. (BOCA DE LEÃO, 2015)

Nos dias atuais, o racismo ainda predomina e muitas crianças ainda são vítimas de preconceito nas escolas. Imagina-se nos anos escolares que Boca de Leão viveu, onde sua própria condição de minoria já se constituía numa das dificuldades vividas pelas crianças negras da escola. Não existia nenhuma lei que protegesse a criança, principalmente se ela fosse negra. Para Nilma Gomes (2007), a criança negra convive numa sociedade em que a cultura que prevalece é a do branco.

Desde o início da trajetória escolar, a criança [negra] se depara com um determinado tipo de ausência, que a acompanhará até o curso superior (isto é, para aquelas que conseguem romper com a estrutura racista da sociedade e chegar até à Universidade): a quase inexistência de professoras e professores negros. A criança negra se depara com uma cultura baseada em padrões brancos. Ela não se vê inserida em livros, nos cartazes espalhados pela escola ou ainda na escolha dos temas e alunos para encenar números nas festinhas. Onde quer que seja, a referência da criança e da família feliz é branca. Os estereótipos com os quais ela teve contato no seu círculo de amizades e na vizinhança são mais acentuados na escola, e são muitos mais cruéis. (GOMES, 1996, p.77)

Boca de Leão sofreu na pele a questão do preconceito e lutou contra tudo e todos para enfrentar a situação. Rosa, também negra, não externou preconceitos vividos na infância destacando que “*a vida de criança foi muito boa, nunca precisei trabalhar para ajudar em casa, éramos pobres, mas vivíamos bem. Na escola era muito reservada, não tomava a frente.*” No caso de Rosa, constatamos que ela foi mais preservada de preconceito pelo fato de ter no pai, uma figura de destaque na comunidade, o apoio para enfrentar as dificuldades diárias.

Com os meus nove anos, meu pai trabalhava num caminhão distribuidor de bebidas. Eu era muito companheira dele, então ele me levava para as entregas de bebidas. Antes de meu pai ser motorista ele chegou a ser pescador, mas depois do emprego, às vezes ele pescava no final de semana. Mas eu vivia pendurada no caminhão, ele adorava me levar. Meu pai

também era músico na Banda da Lapa, e eu também o acompanhava. (ROSA, 2015)

Com relação à obediência e carinho pela figura paterna, a maioria das entrevistadas se referem ao pai como um exemplo a ser seguido.

Sempre tive uma casinha de boneca para brincar meu pai fazia, nunca brinquei com uma turma de meninas, era muito difícil. Eu sempre tive loucura por bonecas. Então cresci, sempre meus pais mandavam em mim. Meu pai era um santo, se incomodasse ele ficava bravo, mas se não ele era maravilhoso. Quando ele chegava da cidade de trabalhar aos sábados nós íamos contar as brincadeiras da semana, mas primeiro ficávamos quietos, pois era um momento da mamãe falar. (CAMÉLIA, 2015)

Esse respeito fazia com que as crianças vivessem num mundo de imaginações, fazendo com que a família fosse o porto seguro de suas vidas. Na maioria das situações, o Estado, através de políticas públicas era ausente. Prevalencia a lei da comunidade, da igreja e o poder nas mãos dos pais. Margarida (2015) relata que “*Meu pai era um homem muito respeitador, ele era muito bom e ao mesmo tempo rígido gostava de tudo certinho*”. Essa veneração ao pai fez com que fossem crescendo com valores patriarcais, ou seja, deviam pensar e enxergar conforme a vontade dele.

A ingenuidade das crianças é algo que chama atenção, na ocasião os adultos tinham que ser criativos para não deixar a criança "enxergar" como a sociedade funcionava.

Quando já era uma mocinha ainda não sabia o que era gravidez, eu tinha uns nove anos nem sabia o que era isso, falava para mamãe que ela estava tão barriguda, ela dizia que estava comendo muito, e nós acreditávamos piamente nisso. Eu estava na escola quando a professora me chamou dizendo que minha mamãe ganhou um neném, que o santo anjo trouxe na tarrafa. (CAMÉLIA, 2015)

Na fala de Camélia é possível identificar que a maioria das crianças vivia uma realidade dicotômica, pois de um lado, tinham a inocência de uma criança quase de um mundo imaginário, e de outro, possuíam responsabilidades de pessoas adultas, tendo que cuidar da casa, dos irmãos e trabalhar na *roça* ou com a renda para ajudar no sustento da casa.

1.3. Juventude abreviada: vigilância dos pais, trabalho e casamento precoce

Em relação à juventude, trabalhamos com o período que vai da adolescência até à vida adulta, em função do casamento precoce de todas as entrevistadas.

Ao chegarem à juventude, as entrevistadas continuavam com uma bagagem de responsabilidades. Violeta (2015) relata: “*Quando fiz treze anos minha mãe me colocou de doméstica na casa da minha madrinha no Saco dos Limões, trabalhei até os dezessete anos de graça, ganhei um sapato e um vestido e mais nada.*” O dito de Violeta é próximo dos

outros relatos, pois era a realidade de muitas jovens do Ribeirão em meados do século XX. Era rara uma visão de futuro diferente desta, porém, algumas conseguiram mudar o destino posto, tendo acesso à educação, como é o caso de Boca de Leão (2015):

Com dezoito anos tomei uma atitude e disse: vou estudar, fazer concurso, ter uma vida mais liberal. Passei a adolescência na escola, com dezesseis anos comecei a trabalhar nos finais de semana, no verão na casa de praia de um professor da Universidade. Só para lavar louça do almoço. Mas eu precisava sair de casa, meu tio é que arrumou este emprego, vivia sufocada na minha casa. Queria dinheiro para sair, continuar meu estudo, meus pais não queriam me ajudar em nada. (BOCA DE LEÃO, 2015)

No caso da Boca de Leão, constatamos uma atitude corajosa, pois foi contra os princípios de seus pais, que defendiam que mulher tinha que ser dona de casa. Conseguiu frequentar um Colégio no centro de Florianópolis/SC, completando seus estudos no ensino médio. Diferente de Rosa (2015) que na adolescência: *“fui estudar no Instituto Estadual de Educação, mas não cheguei terminar o segundo grau, escolhi trabalhar”*. Rosa teve o apoio dos pais, porém, optou trabalhar.

As duas situações acima podem ser consideradas “desvio social” para a época, pois ambas (entrevistadas) eram negras, sofreram preconceito racial, mas conseguiram lutar por um futuro melhor, alcançando formação profissional e conseqüentemente um bom trabalho em empresas. Conforme relato das mesmas, esse fato acarretou um “susto” para a comunidade e para a família.

Para que pudessem ser bem sucedidas, tanto Rosa como Boca de Leão, necessitaram maiores esforços, no sentido de superar os *tabus* impostos pela sociedade. Por serem tratadas de forma excludente, as dificuldades eram ainda mais difíceis de serem superadas. Mas com muita dedicação conquistaram pouco a pouco seu espaço na sociedade.

Boca de Leão escolheu uma formação profissional, ingressou em uma instituição via concurso público, passando a não depender mais de seus pais. Rosa, por sua vez, acabou retornando para o seu mundo de origem, permanecendo com os princípios da comunidade e da família: *“com dezenove anos comecei a namorar e esse namoro virou casamento. Durante o início do casamento continuei a trabalhar, mas tive três filhos, saí do emprego e nunca mais trabalhei fora”*. (ROSA, 2015)

Aos domingos a tarde aconteciam as famosas “domingueiras”, eram os bailes que aconteciam no período vespertino. Todas as entrevistadas mencionaram que só podiam ir aos bailes acompanhadas dos pais ou de pessoas mais velhas.

Com dezessete anos, comecei ir com um grupinho de amigos no carnaval à tarde, mesmo assim ia um casal acompanhando os jovens, senão os pais não deixavam.

Aconteceu durante um tempo, que minha vó materna ficou viúva e acompanhava os netos nas domingueiras. (MARGARIDA, 2015)

Margarida saía com amigas para o carnaval, mas somente acompanhada de um casal mais velho. Mais tarde era levada pela avó materna, o que atualmente não é muito frequente. No caso de Rosa, além de ir acompanhada de seu pai, este ia sem a companhia da esposa, pois esta precisava cuidar dos filhos.

Comecei a ir aos bailezinhos, mas meu pai ia junto. Ele sempre me acompanhou, não deixava ir sozinha, e ele adorava dançar. Então quando tinha baile era ele que me convidava, daí ia eu, minha prima e ele. Minha mãe ficava em casa cuidando dos meus irmãos menores. (ROSA, 2015)

Na época esses acontecimentos pareciam naturais, a submissão das esposas aos maridos. A entrevistada Orquídea viveu sob vigilância do pai que controlava seus passos, conforme os relatos, algo que para época era natural na comunidade: “*Para bailes saí depois de moça, uma única vez com meu irmão, era carnaval. Ia eu e minha irmã, porém, além do meu irmão um casal mais velho nos acompanhava senão o pai não deixava.*”.

A maioria das entrevistadas, por terem nascido na mesma época, viveram um período de vigilância rigorosa dos pais. Apesar deste rígido controle, elas têm saudade da época da juventude, em que a família precisava conhecer a “paquerinha”, e dar aprovação da escolha da filha, para depois namorar.

Namorava com ele, mas minha mãe não aceitava, por que não era conhecido era de Porto Alegre, já era Cabo e morava na base. Mas ele vinha falar comigo aqui no Ribeirão. Sentávamos na calçada, ali só conversávamos, não tinha sarro, não tinha nada. Ele me convidava para fugir, mas eu nunca aceitei. Dizia que quem foge é preso, eu não estou na penitenciária. Ele dizia então você não gosta de mim; mas falava que gostar é uma coisa, fugir é outra. (CAMÉLIA, 2015)

Constata-se na fala de Camélia que ocorreram muitas mudanças na sociedade em relação aos relacionamentos afetivos. Aproximadamente 60 anos separam a fase de namoro dessas mulheres das jovens atuais. Atualmente, as famílias depositam mais confiança nas filhas moças e algumas até defendem que quanto maior for o número de namorados, mais provável que escolherá o “certo” para casar. De acordo com Cynthia Sarti (1995), as famílias passam por mudanças recentes nos padrões de convívio:

Essas mudanças correspondem a uma ação deliberada, no sentido de um projeto emancipador que instituiu novos padrões de comportamento, mas que só foi possível por mudanças, na realidade exterior à família, que afetaram de maneira decisiva esta esfera da vida social, transformando-a fatalmente. Acontece que a família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas, e as mudanças atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação. (SARTI, 1995, p. 39)

Em meados do século XX, a maioria das mulheres era educada para “ser de um homem só”, como Margarida (2015): “*Tive um namorado só, com ele eu casei e vivi trinta e nove anos, hoje sou viúva. Estou viúva a onze anos, e depois disso nunca mais me relacionei com homem nenhum.*” Muitas delas ainda preservam os princípios repassados pelos pais, que também tinham suas raízes em valores religiosos e tradicionais.

1.4. Casamento: entre o domínio dos pais e a submissão aos maridos

Na época em que as entrevistadas eram adolescentes, era comum uma mulher casar bem jovem, poderíamos dizer que se casavam adolescentes. Nas falas de algumas delas, identificamos que esta era uma maneira de sair do domínio dos pais, mas acabavam ficando submissas aos maridos. Orquídea (2015) é um retrato dessa submissão: “*Casei com dezoito anos, mas tive medo de não dar certo e meu pai não aceitar de volta. Atualmente faço trinta e nove anos de casada*”. Margarida também saiu do convívio com os pais para se casar: “*Fui para cidade só depois de casada, com dezoito anos. Depois de casada que fui aprender a andar sozinha*”.

O casamento para a maioria dessas mulheres acabava sendo o “porto seguro” pelo fato de irem para longe dos pais. Esses, mesmo sendo rígidos, representavam proteção, uma vez que naquela época, a mulher era conhecida como sexo frágil e a maioria imaginava que longe dos pais, necessitaria a continuidade do abrigo e do amparo, e esse era encontrado no casamento, e na construção de uma família nos moldes da de origem.

A partir de Heloisa Szymanski (2007) o casamento tem que ser uma decisão do par em conviver juntos.

Considerando só os pontos em comum entre as famílias, tal como viviam o seu cotidiano (...) a família se estabelece a partir da decisão de algumas pessoas conviverem, assumindo o compromisso de uma ligação duradoura entre si, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças que aparecem nesse contexto (SZYMANSKI, 2007. p. 50).

A autora coloca uma definição de família para introduzir como duas pessoas diferentes se propõe a se unir, dando continuidade a um ciclo de vida onde as famílias nucleares ainda são tidas como modelos para sociedade. Sabemos que existem diferentes tipos de padrão de famílias e todas elas devem ser aceitas e bem vindas.

Um dos depoimentos que se destacou foi o de Camélia, que em 1950 foi obrigada a casar. Conta que, mesmo estando apaixonada, precisava respeitar os princípios de sua

família. “*Não tenho coragem de fazer isso, tinha muito medo. Mas a vontade de beijar era grande. mas não dava*”.

O respeito e temor aos pais era tamanha, que teve de abdicar de uma grande paixão para casar-se com um viúvo, parente da família, com o principal objetivo de ajudá-lo a criar os filhos. Foi sua mãe quem ditou as ordens:

...mas meu marido foi outro homem. Minha amiga casou-se, e era tradição no domingo depois do casamento convidar os amigos para um café, na casa da noiva. Sentava-se todos ao redor de uma mesa bem grande, homens e mulheres todos juntos. E a noiva colocava a aliança dela dentro do bolo, quem tirasse o pedaço com a aliança era o próximo a casar. Nesse dia eu tirei a aliança, fiquei tão feliz, pensei que ia casar com meu amor. Mas o homem que foi meu marido nem tinha conversa com ele. Ele ficou viúvo três dias depois da tal festa de casamento. Ele foi casado com a mulher mais linda do Ribeirão, com ela eu tinha conversa. Na verdade ele era um parente da minha mãe. Uns quinze dias depois da morte da tal mulher, quando cheguei em casa, minha mãe disse: "Camélia você ficou noiva", eu disse: "de quem? De quem que eu to noiva?" (emoção) O viúvo deixou a aliança aqui. Quer casar contigo. Falei que não tinha dado nenhuma ordem! Eu disse: "por que a senhora não casa com ele? Isso não pode. Que coisa horrível!", Ela disse que já estava decidido, tinha que casar e tava acabado. Eu quis morrer, eu amava outro homem. Eu fiquei doente, eu tinha cinquenta quilos fui para quarenta e cinco em poucos dias, de tão decepcionada, doente. Meu casamento foi feito assim, tais noiva e não tens que dizer nada, nada de ficar doente, vais casar e ta acabado. (CAMÉLIA, 2015)

No relato de Camélia fica clara a submissão aos pais que não deixavam liberdade de escolha para as filhas. Camélia não teve chance de escolher o homem que amava e teve que acatar a vontade de sua mãe, que nesse momento ditava as regras da sua família devido o falecimento de seu pai.

Entre casar forçada com um homem que não conhecia e “fugir” com a paixão da sua vida, ela optou em respeitar a sua mãe e casar com o viúvo, 30 anos mais velho que ela.

Minha vida é uma novela. Ele deu dinheiro para comprar enxoval, fui obrigada a ir. Comprei vestido de casamento, camisolas, roupas e toalhas bonitas. Mas fiz tudo com desgosto, Deus que me perdoe, coitado. Hoje eu tenho o dinheiro dele, agradeço a ele. Eu falo assim por que aconteceu. Mas amor não existia, eu não, ele sim. Claro, ele casou comigo tinha cinquenta e três anos e eu vinte três, é um novelão. Hoje qualquer um tem cinquenta e três, mas naquela época era uma pessoa muito velha, era um idoso. Hoje idoso, sou eu agora. Fizeram o casamento, um dia antes fui falar para o padre, na hora vou dizer não. O padre disse: "minha filha se tu fizeres isso tu não ficas casada". Meu coração partiu em quatro pedaços. Na hora do casamento o padre perguntou pra ele, na hora ele disse sim sorridente, claro. Na minha hora eu não disse nada, encarei o padre. Mas casei. A lua de mel, que trabalho, sem amor e medo. Por que a gente não sabia como era, hoje as moças sabem tudo, elas estudam muito, sabem tudo. Eu nem sabia como era o membro dos homens (risada). Levei cinco dias para a primeira noite, foi triste. Ele me respeitou, mas no quinto dia ele disse: "Camélia! Casei contigo não só para você cuidar da casa, você casou para o sexo também". Eu disse que não estava preparada, era muito levada, mas eu não sabia dessas coisas, ninguém preparava a gente. Casada, vivi vinte anos, quando ganhei o último filho dele, ele tinha setenta anos. (CAMÉLIA, 2015)

O caso de Camélia provoca muita indignação, mas na época, o casamento da jovem com o viúvo foi defendido pela maioria dos moradores da comunidade, pois o senhor era um "bom partido", tinha muitos bens, era natural do Ribeirão da Ilha, conhecido por todos e parente da mãe da noiva. Camélia sempre defendeu os valores familiares, mesmo que a ordem recebida de sua mãe fosse lhe prejudicar por toda a vida.

Ao dialogar com Roque Laraia (2009 p. 68) tal "fato representa um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural", este não podendo ser rompido, pois Camélia preservava seus princípios morais obedecendo a ordem de sua mãe e da comunidade tradicional. O autor acrescenta que "o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, são produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura".

O fato de que as pessoas vêem o mundo através da cultura tem como consequência acreditar que o seu modo de vida é o mais correto e mais natural. Poderíamos referenciar Boca De Leão como desviante dessa cultura, devido ter passado sua juventude estudando, trabalhando, tendo uma filha sem se casar legalmente, "*teve um momento que eu resolvi que tinha que ter alguém comigo, um filho; tinha trinta e dois anos e era virgem. Eu não me arrependo, tive uma vida conjugada doze anos e com isso nasceu minha filha*". A entrevistada relata com muita firmeza que não precisava de homem na sua vida para lhe fazer realizada, "*ele queria casar, mas eu não. Tudo que tinha adquirido, com muito sacrifício foi sem nunca ter pedido nada para ninguém; casa, carro; não ia deixar para homem nenhum. Faz vinte anos, não tive mais nenhum relacionamento*".

Ao analisar a fala de Boca de Leão nos perguntamos: será que a relação violenta que teve com o seu pai na infância não desencadeou uma dificuldade de relacionamento com os homens? Ou ela optou por não casar mesmo, por convicção?

1.5. Os bailes realizados: "uns para os negros e outros para os brancos"

Na época da mocidade das entrevistadas, viviam muitos negros na comunidade, remanescentes dos escravos que vieram trabalhar na Ilha de Santa Catarina. Estes cultivavam sua cultura com muitas festas e danças e defendiam o direito de se divertirem.

Todavia, os bailes que aconteciam na região eram bem divididos, ou seja, em um mesmo Salão de Baile, não entravam pessoas de "raças" diferentes. No baile dos brancos só entrava branco, e nos salões dos negros só entrava negro. Em um desses bailes da

comunidade, Boca de Leão, com seus vinte cinco anos foi proibida de entrar, mas para ela era apenas mais uma barreira para derrubar.

Lembro de um baile na Costeira, o racismo era em todos os lugares; chegando lá fui proibida de entrar porque era negra. Minha amiga disse que então o baile iria acabar, porque éramos amigas da banda. O dono do baile foi falar com o cara da banda e ele confirmou se ela não dançar vamos parar de tocar. Daí eu entrei e dancei a noite toda. Fiquei orgulhosa porque eu acabei com o racismo naquele lugar, os negros começaram a frequentar. Porque aqui tinha o baile dos negros e dos brancos, eles não se misturavam. Uma vez foi aqui, no alto Ribeirão, eu cheguei e um rapaz falou que ali negro não dançava. Falei: "chama o presidente ele é amigo do meu pai", ele mandou eu entrar e disse que os negros podiam participar. Eu tenho orgulho de dizer que acabei com o preconceito nesses dois lugares.(BOCA DE LEÃO, 2015)

Esse relato da Boca de Leão demonstra as dificuldades da época, que não havia nenhuma lei para apoiá-la e teve que lutar sozinha contra o preconceito. Atualmente, apesar de existirem leis que punem os racistas, temos nos discursos cotidianos, sintomas de que a sociedade ainda se pauta em valores racistas.

Segundo Dayse Barcellos (2004, p. 248.), “o convívio entre negros e brancos dá-se no trabalho, onde a presença do negro não precisa ser justificada, nem pelo negro nem pelo branco”. A autora retrata nessa citação a vida de Boca de Leão, onde durante sua entrevista destacava o racismo na escola e nos momentos de lazer, não destacando no período em que arrumou emprego. Para a autora citada, “o negro vê-se banido dos espaços de sociabilidade nos quais teria que justificar sua presença.”

2. Os desafios da idade: “*para mim velhice é uma desgraça, não aceito de jeito nenhum!*”

O Estatuto do Idoso define a idade em que a pessoa é considerada idosa: Art.1º “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos¹⁰”.

Constata-se por parte de algumas entrevistadas, a dificuldade de encarar que são idosas, muitas delas remetem as palavras: “idoso”, “velho” ou “terceira idade” como sinônimo de doenças. Orquídea (2015) argumenta: “*Tenho medo das doenças, hoje sinto o sinal que a idade está chegando, tenho muitas dores nas pernas*”. Algumas dizem que não se importam com a palavra velha, mas que é difícil acreditar que o tempo passou tão rápido. Camélia (2015) relata: “*vou fazer oitenta e cinco anos, tenho esse jeito de pessoa nova. Mas tenho muita pena, a vida passou depressa, penso que não sou velha.*”

¹⁰ BRASIL, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

Com o passar dos anos, a velhice adquiriu valores negativos, e acabou sendo relacionada com seu potencial funcional, a fragilização do corpo. Por esse motivo, a maioria das pessoas tenta afastar do envelhecimento achando que assim, poderá ser feliz.

Produziu-se uma imagem social do envelhecimento e da velhice tão desfavorável, que os idosos saudáveis e lúcidos – que não parecem constituir minoria! – não se reconhecem nela. Por isso, a conhecida contradição, na verdade, aparente contradição – expressa no fato de que frequentemente as pessoas declaram uma idade mais avançada, mas não admitem velhos, ou reconhecem velhice apenas nos outros. Claro, quem iria se reconhecer nos estereótipos negativos que circulam por toda à parte?! Fica a lógica a ambivalência: velhice existe, mas não em nós (MOTTA, 1997, p. s/nº).

A maioria das palavras atribuídas às pessoas idosas, indicam ligação com algo negativo, e as pessoas não se vêem nessa fase da vida. Constatamos que o termo “terceira idade” foi adotado com mais satisfação pela maioria, talvez porque passa a mensagem de um velho jovem, ligado ao idoso jovem, ativo. As entrevistadas também demonstram um pouco de resistência aos termos, como coloca Violeta (2015): *“um homem perguntou se sou velha ou idosa? Disse para ele que diferença tem? respondeu que o velho não trabalha mais e o idoso está ativo. Ainda trabalho muito. Não adianta eu não aceito ser velha.”*

A sociedade acaba classificando os idosos como incapazes de viver sozinhos e relacionando os mesmos como debilitados para produzir. O autor Havighurst (1951) *apud* Neri (2005) sintetizou a “noção de tarefas evolutivas, que define como desafios normativos associados à idade cronológica”.

Período	Faixa de Idade	Tarefas evolutivas
Idade Adulta	18 a 35 anos	Constituição da família; Início e conquista de carreira profissional; Responsabilidades cívicas e comunitárias.
Meia-Idade	35 a 60 anos	Culminância da Carreira Profissional; Educação dos filhos; Manter o padrão de vida alcançado, adaptação à velhice dos pais.
Velhice	60 anos e mais	Afastamento dos papéis adultos; Ajustamento às perdas físicas e sociais a velhice.

Tabela: 2 - Tarefas Evolutivas da Vida Adulta e da Velhice conforme Havighurst (1951)

O autor destaca a ideia central de que, “mediante um processo de socialização, as pessoas internalizam normas sociais etárias, que passam a exercer papel regulador sobre o seu comportamento”.

É certo que, em comparação com o passado muitas mudanças ocorreram, e o idoso hoje está a procura de novos caminhos para viver a velhice, fato este que pode ser comprovado tanto nas tarefas assumidas por eles na comunidade, como nas dezenas de grupos de idosos passeando pelo mundo fazendo turismo e até à procura das Universidades Abertas para Terceira Idade (UNATIS).

O que vimos no Ribeirão da Ilha são idosas ativas em vários segmentos da sociedade. De acordo com Boca de Leão “*Quando me aposentei, não senti falta do trabalho, por que estava muito envolvida com a comunidade*”. O mesmo acontece com Margarida (2015):

Enquanto estou viva eu aproveito. Tem alguns idosos que desistem de tudo por se sentirem velhos, mas para mim cada dia que passa aproveito mais. Hoje estou no grupo de ginástica, yoga e aula de dança. Gosto muito de ler, apesar de ter estudado pouco; e também faço muitas orações adoro rezar.
(MARGARIDA, 2015)

Outro fator que chama bastante atenção nos relatos é em relação as maridos: as que se casaram permanecem com os mesmos homens, e duas ficaram viúvas. O que chama a atenção é a fala das que ainda vivem com seus maridos em relação à vida social dos homens da comunidade. Somente o esposo da Violeta (2015) é ativo: “*Meu marido vai fazer oitenta anos, ele é muito ativo. É o único no grupo de idosos, faz tarrafa para vender. Trinta anos que ele está aposentado e não pára. Se levanta todos os dias às cinco horas da manhã*”. Os outros quase não saem de casa ou quando saem, é para jogar dominó na pracinha da comunidade.

É possível observar a conquista de algumas mulheres no decorrer dos anos, pois antigamente eram mais submissas e hoje conseguem se impor mais em relação as suas escolhas. Geralmente, o envelhecimento para os homens significa mais fragilidade, são poucos os que se engajam em trabalhos de grupo. As mulheres idosas, por sua vez, continuam ativas, procuram participar das atividades e acompanham vários meios de lazer, contribuindo na comunidade com trabalhos desenvolvidos.

Estou sempre ativa na comunidade trabalhando com alegria. Às vezes penso que não tenho essa idade, posso até parecer na aparência, mas meu espírito é de jovem. Se for num bailezinho na comunidade e tem um jovem que conheço já dançamos, viajo bastante, participo do carnaval do Zé Pereira, aonde tem gente jovem gosto de estar. Tudo com muito respeito, sou uma pessoa alegre. Curto todos os momentos.
(MARGARIDA, 2015)

A busca pela autonomia é a realidade dessas mulheres, que parecem correr atrás do que não conseguiram alcançar enquanto jovens. Atualmente, muitas delas alcançaram o protagonismo e a interdependência, logo se sentem mais livres.

Fiz semana passada sessenta anos, fiz somente um bolinho para os amigos, convidei meu pai, mas ele não sai para nada. Ele só sai para coisas de interesse dele. Agora ele acha que é mocinho, quer namorar; mas eu já dei um tranco. Disse pra ele que vou trancar a conta do banco, ele ficou com medo. Eu e minha filha somos tutoras dele. Ele fica apreensivo, será que ela vai trancar?(BOCA DE LEÃO, 2015)

Interessante constatar que Boca de Leão, que passou a infância e a mocidade recebendo ordens de seu pai, agora vê a possibilidade de controlá-lo. Ainda acrescenta que “*a velhice para um homem não muda muita coisa, ele é ranzinza desde quando nasceu, são todos iguais. A mulher é mais paciente, inclusive ela vive mais que o homem, talvez seja por isso que eles são revoltados (risadas)*”. Nessa fala podemos identificar os anseios que Boca de Leão tem em relação aos homens, pois ela não acredita em mais nenhum.

3. Surgimento do cargo de liderança: “Liderança, é para mim algo natural”

As conquistas das mulheres na luta pela igualdade com os homens provocaram significativas transformações pessoais e coletivas. O século XX foi marcado pelo crescimento, conforme aponta Denise Carreira; Menchu Ajamil e Tereza Moreira (2001):

(...) da liderança pública das mulheres em diversos campos sociais. As centenas de milhares de processos locais, regionais e planetários que conduziram a esse resultado trouxeram à luz a necessidade de reverem-se todas as formas de convívio humano e de organização, com o intuito de assegurar as mulheres e aos homens relações de equilíbrio e às organizações sociais, formas menos autoritárias e hierárquicas de existir. Na realidade, nenhuma instituição escapa dessa necessária revisão de paradigma, da família às organizações multinacionais. (AJAMIL; CARREIRA; MOREIRA; 2001, p.9)

É nesse contexto de lutas e avanços que também as mulheres do Ribeirão da Ilha foram conquistando espaços na comunidade, em busca do prazer e de se sentirem úteis e de mobilizarem os moradores em prol do bem comum. Conforme Bonetti (2001, p.190) este movimento provoca “a abertura de um novo campo de possibilidades de ascensão social para as mulheres de grupos populares, através da política comunitária”.

As mulheres entrevistadas demonstram uma grande satisfação em exercerem o papel de liderança, e afirmam que essa atividade propicia integração na comunidade, como nos mostra o gráfico a seguir:

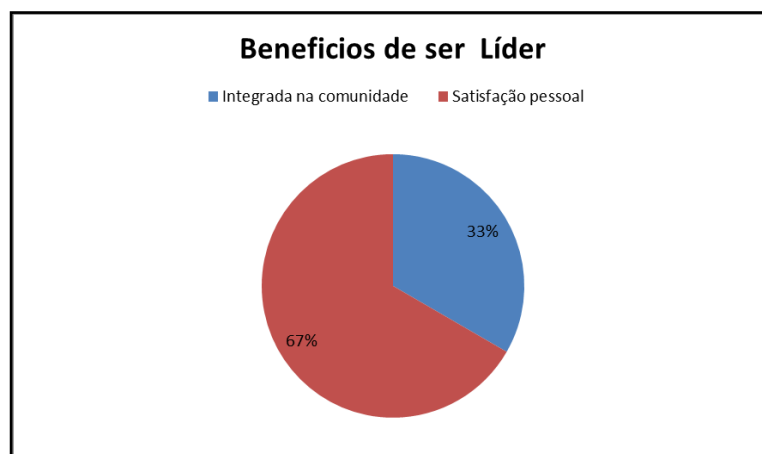


Gráfico 6 - Benefícios de Ser Líder

Como podemos constatar que 61% das entrevistadas colocam que o grau de satisfação pessoal de estar na comunidade desenvolvendo trabalhos sociais é um benefício que justifica permanecer como liderança no Ribeirão da Ilha.

O exercício da liderança, na maioria das vezes é gratificante, uma vez que propicia prazer de visualizar transformações. Também é um fator que contribui para a autoestima e autoconfiança, que muitas vezes ficou perdida no meio de sua própria história de vida. Para Gabriela dos Anjos (2008), as atividades na comunidade desempenham papel de extrema importância para as mulheres líderes.

O engajamento como liderança é o período no qual algumas mulheres experimentam o contraponto da exclusão de outras esferas (como o mercado de trabalho e a escola), recebendo convites para coordenar grupos e fazer cursos. Essas idosas sentem-se, então, “mais gente”, em um meio onde não são desvalorizadas por sua condição social. Assim, sua atividade comunitária pode se estender para diferentes grupos, entre eles as pastorais, como a da Criança, da Mulher, Operária ou outros “movimentos” e mesmo os partidos políticos. (...) Ou, ainda, certa ampliação de seu capital social, com o estabelecimento de redes de relações para além do espaço comunitário. No entanto, tais recompensas são parte de uma atividade voltada à aquisição e manutenção de um capital simbólico, o reconhecimento dos atendidos. Esse reconhecimento é um dos objetivos do trabalho de mediação e implica no estabelecimento de laços sociais pela doação de energia, tempo e objetos. Essa identidade, para as “líderes”, reverte o estigma do pertencimento às classes populares, expressa sua superioridade moral perante à família e a comunidade e se constitui mesmo em um revide à sua exclusão de outras esferas sociais (ANJOS, 2008, p. 522).

As mulheres expressam sua superioridade moral através dos trabalhos desenvolvidos na comunidade. Muitas são reconhecidas como lideranças e a comunidade

recorre a elas em momentos que necessitam de orientação sobre saúde, de assistência e até mesmo para serem inseridos em grupos. Essa é uma realidade que vai ao encontro do pensamento das autoras Denise Carreira; Menchu Ajamil e Tereza Moreira (2001, p.19), elas defendem que muitas pessoas “assumem papel de lideranças em situações mais específicas e cotidianas, mas que detêm a capacidade de mobilizar e incidir socialmente”. Acabam assumindo muitas responsabilidades na comunidade.

Um dos desafios para essas líderes do Ribeirão da Ilha, foi constatado nas entrevistas realizadas, onde muitas dessas lideranças assumiam vários grupos, não conseguindo dar conta de todas as atividades propostas. Outros são constatados na fala de Violeta (2015): “*Acho que é muito difícil trabalhar com grupo, tem muita falsidade. Também lidar com as fofoquinhas é uma coisa que me desanima bastante*”. A fala da Violeta também vai ao encontro da Rosa (2015): “*Aqui no Ribeirão, às vezes temos que lidar com competição, umas tentando competir com outras, ser melhor que o outro. Também lidamos com a falsidade de alguns do grupo*”.

Esses conflitos no cotidiano dessas mulheres acabam sendo provocados pelo estresse do dia a dia, conforme as autoras¹¹ é necessário não ter medo de enfrentar situações de tensão.

Em relação às mulheres que exercem liderança, este é um lembrete importante, pela tendência a evitar o conflito ou fugir dele quando se instala. As manias de sempre buscar consenso e preservar as relações acima de tudo podem ser entraves, já que, quando surgem conflitos, mais vale ressaltar e compreender as diferenças do que nivelar a realidade em torno de um consenso fictício. (Ajamil; Carreira; Moreira, 2001 p.111)

As entrevistadas buscam resolver esses conflitos, porém, muitas vezes agem como Rosa (2015), “*somos voluntárias não ganhamos nada, por isso temos que respeitar o grupo*”. Provocando desgaste emocional no grupo de lideranças do Ribeirão da Ilha, frente ao desafios do cotidiano.

No que diz respeito aos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de mulheres entrevistadas, todas estão relacionadas com os trabalhos sociais de responsabilidade da Igreja Católica, onde algumas também desenvolvem outros, como demonstrado no gráfico. A autora Gabriela dos Anjos (2008, p. 519) defende que a partir do engajamento nas comunidades e pastorais, as mulheres passam a adquirir os recursos que possibilitam o investimento em uma “carreira militante”. É a “caminhada de comunidade” necessária a toda “líder”. A partir do

¹¹ AJAMIL, Menchu; CARREIRA, Denise; MOREIRA, Tereza. Mudando o Mundo: A Liderança Feminina no Século 21. São Paulo: Cortez: Rede Mulher de educação, 2001.

estímulo inicial ao trabalho comunitário dado pelos agentes religiosos, como o convite para participar das atividades da Igreja (cursos de catequese dos filhos, fornos comunitários, grupos de reflexão, etc.), as mulheres “vão se descobrindo aos poucos” como capazes de liderar, e vão tomando para si ou recebendo outras atribuições no trabalho da Igreja.

O Ribeirão da Ilha é uma comunidade onde a religião católica é predominante, e desde sua criação o bairro tem a cultura de preservar esses costumes, tanto religiosos como culturais.

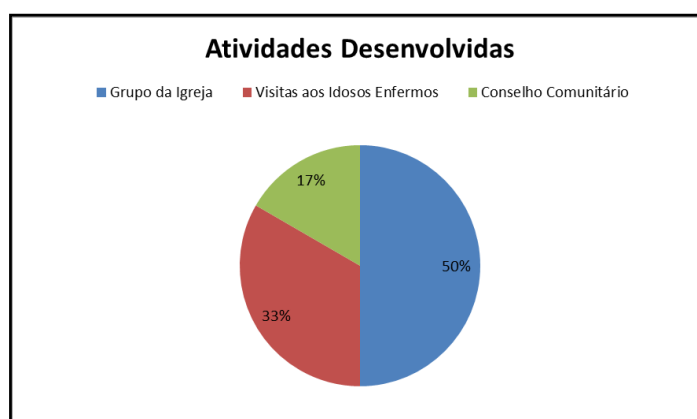


Gráfico 7 - Atividades Desenvolvidas

A inserção nos grupos da comunidade faz com que as mulheres possam sair do espaço privado da sua casa, como relata Rosa (2015): “Comecei a me envolver nesses trabalhos sociais, porque me sentia muito em casa, sem ninguém para conversar”. O mesmo acontece com a maioria mais delas. Foi o que aconteceu com Orquídea (2015): “Participo de grupos na comunidade do Ribeirão depois de ter tido minhas filhas, quando elas já estavam adultas, te ter cuidado dos meus pais e dos meus sogros até eles morrerem”.

No caso de Camélia desde pequena já tinha características de liderança pois movimentava toda a comunidade.

Quando eu era criança, moça era muito levada dona. Cantava o dia todo, fazia teatro, movimentava toda comunidade. Cantava muita ratoeira, eu era uma cabrita. Ainda criança, fazia teatro, a comunidade ia assistir e ganhávamos uns tostões. Isso era nos domingos a tarde, eu tinha uma cabeleira muito linda, era puxada pelos cabelos na peça, com uma corda, tudo era eu. Sempre, desde pequena fui uma líder na comunidade (CAMÉLIA, 2015)

Essa naturalidade em exercer a liderança também fez parte da vida de Boca de Leão, para ela sempre foi natural estar na frente de novas ideias e de trabalhos em prol do Ribeirão da Ilha.

Eu sempre fui líder, desde à sala de aula até presidente do Conselho Comunitário do Ribeirão, fui secretária, diretora de eventos, presidente do grupo folclórico,

vice-presidente da Pastoral do Idoso; sempre gostei de movimentar a comunidade. Meu processo de liderança é para mim algo natural. Líder na comunidade é fazer o que sempre fiz, assumir com muita responsabilidade. (BOCA DE LEÃO, 2015)

Constata-se que a maioria das entrevistadas se identificou enquanto líderes, desde crianças. Luciana Tonani (2011) coloca que liderar “*pode significar conduzir, motivar, orientar, agregar pessoas e ideias*”. É o que acontece com essas mulheres, consideradas referências no Ribeirão da Ilha por defenderem o interesse coletivo da comunidade.

4. As diferenças entre homens e mulheres na liderança da comunidade: “*as mulheres mais ativas, os homens mais fechados...*”

Historicamente a mulher sempre foi responsável pelo cuidado da casa, do espaço privado e da família, e o homem, o responsável pelo trabalho no espaço público captando dinheiro. No mundo em que vivemos, o homem acabava tendo esse reconhecimento, de valores de auto-afirmação, competição, expansão e dominação. Porém, através das conquistas alcançadas pelos movimentos de mulheres, conforme Ajamil; Carreira; Moreira (2001) elas vão se afirmando como lideranças em grandes empresas, organizações não-governamentais e em comunidades.

Mesmo tendo adentrado o mundo do trabalho e da vida pública, recentemente muitas mulheres já trazem contribuições significativas para o novo paradigma das organizações. Características como flexibilidade, sensibilidade, intuição, capacidade para trabalhar em equipe e administrar a diversidade, além de dizer mais vezes “nós” do que “eu”, estão em alta e assinalam, segundo alguns estudiosos, um emergente estilo feminino de liderança. Contudo, é importante frisar que tais características também estão presentes em muitos homens e, quando se tornam mais valorizados, potencializam novas maneiras masculinas de *ser* dentro das organizações. (AJAMIL; CARREIRA; MOREIRA;2001, p. 43).

A maioria das entrevistadas assumiu uma liderança na comunidade depois de ter desempenhado suas funções junto à família, diferente do que acontece com a maioria dos homens do lugar, como explica Rosa (2015):“*no Ribeirão são as mulheres que tomam a frente, eles não querem nada de compromisso, de responsabilidade. Alguns falam que isso é para mulher. Daí alguns pescam ou ficam nos bares, enchendo a cara*”.

A falta de interesse dos homens pelos trabalhos sociais na comunidade também é ressaltada por Orquídea (2015):

As mulheres ficam cada vez mais fortes com a idade, os homens ficam muito ranzinhas. Ele não gosta de estar envolvido em grupos, às vezes coloco o nome dele em alguma atividade, mas ele não aparece. Aqui no Ribeirão a maioria dos trabalhos sociais são assumidos por mulheres, eu, se tiver a semana toda atividade na comunidade eu estou presente, já os homens não tem essa disposição. Meu

marido não que assumir nada. Na verdade aqui no Ribeirão tem muita mulher, pouco homem; as mulheres ficaram viúvas cedo. (ORQUÍDEA, 2015)

As líderes do Ribeirão da Ilha também relatam que alguns homens se aposentam e não se disponibilizam em ajudar nos trabalhos da comunidade. Boca de Leão fala com desdém dos homens que não cuidam da saúde, nem da aparência depois de aposentados:

Os homens não assumem nada, eles são malandros, não todos. Mas podes ir agora ali à pracinha e tem um monte jogando dominó. Eles se aposentam e acham que já contribuíram então a vida deles é jogar dominó. Alguns deixam a barriga crescer, ou caem na bebida. Aqui temos um idoso que quase morreu por causa da bebida, agora fica sentado o dia todo de braço encruzado. Se eles assumissem o meu lugar de liderança não dão conta, eles não têm vontade, eles não têm inspiração como as mulheres têm. A mulher sabe organizar, eles não têm jeito. (BOCA DE LEÃO, 2015)

A falta de credibilidade em relação aos homens, principalmente idosos, é unânime entre as mulheres lideranças, representada por Violeta (2015): “*Aqui no Ribeirão os trabalhos sociais são tudo mulher, homem não quer nada com nada. Quando assumo, eu vou até o fim*”.

Além da falta de vontade atribuída aos homens, elas opinam que eles não têm jeito para trabalhar com o social, para as autoras Denise Carreira; Menchu Ajamil e Tereza Moreira (2001), os atributos femininos passam a ser mais valorizados:

Em uma época em que a informação substitui a força física e a flexibilização conduz as organizações ao sucesso, alguns atributos culturalmente classificados como “femininos” começam a ser valorizados. As pessoas que detêm qualidades como capacidade para inovar e intuição estão mais bem qualificadas para ocupar cargos de chefia e liderança dentro de todo tipo de organização. (AJAMIL; CARREIRA; MOREIRA;2001, p. 46).

Se de um lado, os maridos assumem poucas tarefas, por outro, eles permitem que elas assumam as atividades. Rosa (2015) ressalta: “*Parece que nada agrada ele, mas ele me deixa trabalhar com a comunidade*”. A maioria deles apóia a saída delas do espaço doméstico e dão liberdade para elas trabalharem na comunidade. Tal argumento é sustentado também por Orquídea (2015): “*Saio para trabalhar na comunidade, meu marido não acha ruim, pelo contrário ele apóia*”. O mesmo acontece com Violeta (2015): “*Eu vou para tudo quanto é lugar, eu digo para ele que eu sou um pássaro livre, e ele não acha ruim*”.

Apesar de muitas delas lutarem contra os valores tradicionais que carregam da época da infância, seus maridos acompanham e aprovam a liberdade alcançada pelas mulheres, que hoje são idosas ativas, com uma agenda cheia de atividades durante todos os dias da semana.

5. A intervenção do Serviço Social em trabalhos com grupos: conquistas e desafios. “Os envolvidos são todas mulheres idosas”

O surgimento do Serviço Social no Brasil remonta aos primeiros anos da década de 1930 ligada à intervenção progressista do Estado nas ações reguladoras da vida social. Através dessas ações o Serviço Social aparece no Brasil como uma profissão capaz de controlar esses momentos de desequilíbrio social. No início, as escolas de Serviço Social tinham como base os princípios da doutrina social da Igreja Católica que, de acordo com Teresa Lisboa (2010, p.08) “imprimiram na profissão um espírito de apostolado, configurando-a como uma profissão a ser exercida por mulheres, como uma vocação.”

Na década de 1940, o Estado despontou como o grande empregador do assistente social, ampliando-se assim os mecanismos de controle sobre a estrutura e a organização da categoria profissional. A partir da década de 1970 floresceram possibilidades objetivas e subjetivas na profissão, que permitiram às forças políticas do trabalho expressar suas lutas pela implementação do Estado de Direito após o nefasto período de vigência da ditadura militar no Brasil.

Durante a década de 1980, as necessidades sociais foram politizadas pelos movimentos da classe trabalhadora que se formaram e se organizaram em torno de sua defesa: direito ao trabalho, à autonomia de organização sindical, à seguridade social, aos direitos sociais, políticos e civis e aqueles relacionados à diversidade humana - como liberdade de expressão, direito à identidade e igualdade de gênero, étnico-racial e à liberdade de orientação e expressão sexual -, emergem como demandas concretas e mobilizam os sujeitos individuais e coletivos para a luta.

Em 1993 construiu-se um processo coletivo de elaboração do Código de Ética Profissional, coordenado pelo CFESS (Conselho Federal do Assistente Social). Este novo Código explicita a defesa de princípios que rompem com uma perspectiva corporativista, na medida em que se inserem em uma dimensão societária e não apenas profissional.

O assistente social é norteado pelo seu Código de Ética, este se coloca claramente contrário à exploração de classe e todas as formas de opressão. Para Teresa Lisboa (2010), os assistentes sociais também se aproximam gradativamente dos estudos de gênero:

De forma pulverizada, quando não isolada, algumas profissionais do serviço social têm se aproximado dos estudos de gênero e insistindo na importância da transversalidade dessa categoria na mediação teórica sobre as demandas que surgem no cotidiano das práticas. (LISBOA, 2010, p. 11)

O cotidiano das intervenções do Serviço Social traz à tona demandas que perpassam a questão de gênero. Segundo a mesma autora: “abuso sexual, violência contra mulheres, lideranças femininas, destacando-se junto aos movimentos sociais e organizações

sociais, mulheres encarceradas, etc.” Estes requerem da profissão, um maior aprofundamento nesses estudos, pois o Serviço Social posiciona-se contrário a qualquer tipo de discriminação e preconceito, tanto no âmbito social quanto profissional.

Com relação ao Serviço Social no NETI, este se faz presente desde o momento da sua criação (1982), pois os registros históricos indicavam a sua presença, através da luta da assistente social e especialista em Gerontologia, Neusa Mendes Guedes. A implantação do Serviço Social no NETI é justificada em sua essência, pela capacidade de promover a emancipação do sujeito social, tarefa essa nada fácil. Através do oferecimento de uma política de Educação Permanente, princípios de valorização da pessoa idosa inserindo-a no contexto acadêmico e comunitário e com compromisso de lutar pelo desenvolvimento das políticas de atenção às pessoas idosas.

O Serviço Social tem seu espaço de atuação direta junto ao Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica (CFMAG) e o Projeto de Intercâmbio Comunitário em Gerontologia (PICG). De acordo com Meire Cachione (2005):

Aprender é entender, compreender e autocompreender-se. Orientar a aprendizagem dos idosos deve ter como finalidades permitir que cresçam e dêem solidez às perspectivas resultantes da experiência; que melhorem a auto estima, a qualidade de sua vida e das relações sociais; que conquistem um bom nível de independência e de autodeterminação subjetiva e social; que se tornem mais flexíveis e abertos a mudança (CACHIONE, 2005, p. 83).

Com este olhar, o profissional do Serviço Social junto ao PICG assessora a elaboração de programas e capacitações de idosos para a atuação junto ao Projeto e acompanha a supervisão das acadêmicas do Serviço Social. Este, traduz-se como a possibilidade de construção de espaços de discussão, análise e reflexão das demandas dos idosos com relação ao seu processo de envelhecimento, contribuindo assim para alteração da representação social do idoso no meio acadêmico e na sociedade, oportunizando a intergeracionalidade e o seu desenvolvimento pessoal e social. Reconhecendo o desafio do envelhecimento como uma questão social.

Segundo Meire Cachioni (2008, p. 79): “com a inserção dos idosos no ambiente acadêmico, a instituição universitária passa a se configurar como um espaço intergeracional de troca de saberes. Os idosos buscam respostas diferentes para o seu envelhecimento”.

Nesse sentido, o NETI agrega o Serviço Social na Instituição para propiciar a construção de estratégias viáveis para responder às demandas das pessoas em processo de envelhecimento, com a proposta de repensar seus conceitos e sua auto-imagem perante a velhice. Conforme Ana Fraiman (1991) o envelhecimento:

[...] é um processo de modificações, que se desenrola, tanto na área biopsicológica como na área psicossocial. O envelhecer é, então, não somente momento na vida de um indivíduo, mas um "processo" extremamente complexo, que tem implicações tanto para a pessoa que o vivencia, como para a sociedade que o assiste, suporta ou promove. (FRAIMAN, 1991, p. 15).

É difícil estabelecer um marco para o início do processo de envelhecimento, não só pelo fato de ser variável de um indivíduo para o outro, mas também, pelo fato dos primeiros sinais do envelhecimento ser pouco perceptíveis.

Com essa preocupação, o Serviço Social agrega as demandas recebidas pelo PICG, planejando as saídas de campo, geralmente, muitas dessas provêm de grupos de convivência de idosos. Sabemos que os grupos fazem parte da sociedade, estão nas famílias, nos bairros, nas instituições e nas associações de moradores, compõem o próprio movimento da sociedade.

Todavia, o trabalho em grupo deve ser planejado, para que não atinja somente assuntos de interesse do grupo e sim, busque a participação de todos os membros, abordando temas que impulsionem a vontade de participação na defesa e conquistas de direitos. Para Carole Patman (1992), a participação acende a vontade do indivíduo de entender o funcionamento do meio que está inserida.

A participação é bem mais do que um complemento protetor de uma série de arranjos institucionais: ela também provoca um efeito psicológico sobre os que participam, assegurando uma inter-relação contínua entre o funcionamento das instituições e as qualidades e atitudes psicológicas dos indivíduos que interagem entre elas (PATEMAN, 1992, p. 35).

O profissional do Serviço Social trabalha com usuários de forma a atender demandas individuais e grupais. Dessa forma, faz-se necessário saber trabalhar com a abordagem grupal, possibilitando ações a ser desenvolvidas na sociedade em que o grupo está inserido. Conforme Monica Siqueira (2008), os trabalhos em grupo estão imbricados na maioria das intervenções do Serviço Social.

O trabalho com grupos sempre esteve presente na atuação do assistente social e hoje é uma estratégia de intervenção, que vem sendo cada vez mais utilizada e repensada frente às demandas da população e as perspectivas que as políticas vem apresentando, principalmente a de assistência social (SIQUEIRA, 2008, P.5).

A autora trabalha os grupos como uma rede de “vínculos, comunicação e poder”, dessa forma, ela acredita que é no grupo trabalhado que se consegue mobilizar a sociedade, possibilitando novas políticas sociais e provocando o conhecimento daquelas já existentes.

No caso do NETI, essas demandas chegam à Instituição através do PICG, sendo que o Serviço Social como parte da equipe técnica do Projeto, recebe-a com um olhar diferenciado, uma vez que foi capacitado trabalhar em grupos¹² de convivências de idosos.

A questão da técnica está relacionada ao manejo profissional com diversas situações surgidas no grupo. Este manejo vai além de técnicas de dinâmicas de grupo, implica em identificar, compreender e trabalhar essas situações com o próprio grupo, de acordo com Monica Siqueira (2008, p. 10) “a busca do autoconhecimento pelo assistente social vai possibilitar ao próprio profissional, administrar de maneira mais adequada àquelas situações de grupo em que suas dificuldades mais se evidenciam”.

A partir dos questionamentos abordados no Grupo de Monitoras do PICG, o profissional administra¹³ as ideias surgidas pelas participantes, planejando como essas estarão em ação nas instituições. Segundo Ana Maria Vasconcelos (1993), é preciso apreender as ideias de todas as envolvidas no trabalho.

[...] o profissional do Serviço Social deve utilizar a prática reflexiva que possibilita aos usuários a análise e desvendamento das situações vivenciadas, por meio de reflexão crítica estimulada pelo assistente social, de forma que o usuário consiga captar, na medida do possível, o movimento da realidade social e, conseqüentemente, participar, de forma consciente, do processo de transformação dessa realidade enquanto ser histórico. Esse processo deve priorizar a atenção coletiva, em grupo, o que possibilita a troca de experiência entre os sujeitos. (VASCONCELOS, 1993, P.19)

Com este olhar, o Serviço Social coordena as reuniões de saída a campo, onde as monitoras são capacitadas para desenvolver essas ações, porém, com a observação e responsabilidade da assistente social do NETI.

Essas reuniões são organizadas pela equipe técnica do Projeto, em que o assistente social utiliza enquanto instrumento de intervenção para mobilizar as monitoras que estão em processo de envelhecimento e os idosos que serão atendidos pelas mesmas. Esse instrumental permiti ouvir e discutir aspectos relacionados às suas vivências em grupos de idosos ou ILPIs. Conforme Charles Souza (2008), as reuniões podem ocorrer com diferentes sujeitos:

Assim, como a dinâmica de grupo, as reuniões são espaços coletivos. São encontros grupais que tem como objetivo estabelecer algumas espécies de reflexão sobre determinado tema. Mas, sobretudo, uma reunião tem como objetivo a tomada de uma decisão sobre algum assunto. (SOUZA, 2008, p. 127).

Esse instrumental não é simplesmente um mecanismo burocrático de definição de norma ou de designar tarefa e repasse de informação. É um espaço que pode fazer uma

¹²Atualmente o PICG está atendendo somente os Grupos de São José/SC e Florianópolis/SC, pois o Projeto está passando por uma reestruturação.

¹³ Através das reuniões mensais da equipe técnica com as monitoras, ocorre a discussão de como proceder com o trabalho do PICG.

profunda reflexão da realidade e buscar soluções em conjuntos ou discutir de forma reflexiva, quais são os melhores caminhos para se chegar a um objetivo, além de ser um espaço onde é possível ouvir as reivindicações de todos. As reuniões podem ser realizadas junto à população usuária e junto à equipe de profissionais que trabalham numa dada instituição. Enfim, ela se realiza em todo espaço em que se pretende que uma determinada decisão não seja tomada individualmente, mas coletivamente. Para Teresa Lisboa (2013), é um espaço de confrontos.

Essa postura já indica que, ao coletivizar a decisão, o coordenador de uma reunião se coloca em uma posição democrática. Entretanto, colocar-se como um líder democrático não significa não ter firmeza quanto ao cumprimento dos objetivos da reunião. O espaço de tomada de decisões é um espaço essencialmente político, pois diferentes interesses estão em confronto. (LISBOA, 2013, p.1)

Assim, as reuniões podem ocorrer com diferentes sujeitos, podem ser exercidas junto às instituições, e ou grupos de convivências de idosos, como atinge também as monitoras que trabalham no Projeto.

A equipe técnica do PICG acatou a demanda recebida do Ribeirão da Ilha. O objetivo do trabalho passou a ser o de fortalecer os vínculos do grupo de líderes e trabalhar a autoestima e autoconfiança das mulheres idosas. Monica Siqueira (2008, p. 05), ressalta que “o trabalho com grupos operativos consiste em buscar coerência entre o pensar, sentir e agir. É a partir do que o grupo traz como manifesto explícito, que se pode chegar ao manifesto implícito”. A proposta foi promover mudanças individuais e grupais no grupo de mulheres lideranças no Ribeirão da Ilha. Todavia, a ação a desenvolvida provocou duas idas do Projeto até à comunidade, desenvolvendo dinâmicas de grupos e fazendo-os refletirem sobre o cotidiano vivenciado. Nessas saídas a campo observamos que o grupo tem como característica a união das líderes, mas que estas muitas vezes entram em discórdia por sobrecarga de trabalho a ser desenvolvido no Ribeirão da Ilha.

As protagonistas da comunidade relatam que o trabalho em grupo é um momento de grande desafio para quem o coordena. Administrar esses momentos requer da líder ser uma facilitadora dos ideários do grupo, mediar conflitos e delegar responsabilidades, como afirma Rosa (2015):

Para uma pessoa ser uma líder, é indispensável que ela tenha responsabilidade, depois tem que ser companheira, ser humilde, saber escutar. Algumas pessoas são líderes e mudam o jeito de ser, empinam o nariz, passam a tratar as pessoas com indiferença. Temos que saber respeitar as diferenças, quando estamos trabalhando em grupo, precisa respeitar cada um, cada um tem um jeito de trabalhar. (ROSA, 2015)

Margarida expõe que as mulheres líderes do Ribeirão estão à frente de muitos trabalhos sociais: *“Já fui presidente, tesoureira, secretária, passei por vários cargos (risos), gosto de ajudar a comunidade, participar de tudo, fazer a comunidade florir, crescer”*.(Margarida, 2015), porém, *“há muitos desafios nos cargos de liderança”*, como argumentou Rosa (2015). Ela tem a consciência que todos os participantes são diferentes no grupo, mas precisam ser respeitados. Ao dialogar com Denise Carreira, Menchu Ajamil e Tereza Moreira (2001), elas orientam que para enfrentar os desafios, *“é preciso desenvolver espaços coletivos onde pudéssemos explicitar os nossos receios, pactuar princípios e regras, reforçar a vontade de encarar essa construção coletiva e fortalecer um sentimento de grupo”*.

Orquídea (2015) tem essa noção de enfrentamento dos desafios que aparecem nos grupos: *“Para se tornar líder na nossa comunidade tem que ter muita responsabilidade, ser muito prestativa, saber dominar os assuntos do grupo.”* Mas, completa que às vezes tem vontade de desistir: *“às vezes falo que não quero ter essas responsabilidades, mas estou tendo”*.

As líderes contribuem para o desenvolvimento da comunidade, na medida em que tomam a frente muitos dos problemas que aparecem, e organizam os moradores para reivindicar seus direitos, como foi o caso do calçamento da Freguesia:

Antes de eu ser presidente da Associação Comunitária, eu era uma líder ativa na comunidade com mais quatro colegas estes tinham mais idade. Fomos nós que ganhamos o calçamento da Freguesia; fizemos uma briga feia com o prof. da Universidade, por se tratar de um centro histórico ele queria colocar paralelepípedo, e nós batemos o pé que não, que tinha que ser lajota. O paralelepípedo na chuva podia ser um assassino, então conseguimos colocar lajota. Mas o professor disse que nós iríamos prejudicar a comunidade, pois ia tirar a estética do lugar. Mas eu era firme no que dizia, quando não estivermos mais aqui aí vocês mudam. (BOCA DE LEÃO, 2015)

Constata-se na fala de Boca de Leão que ela é uma líder entusiasmada com as causas da comunidade e do grupo, exerce o papel de cidadã destacando-se em um processo de empoderamento. Para Tomás García e Antonio Peláes (2008), o empoderamento é uma ação social que promove a participação das pessoas, é um processo, um método que vai capacitando as pessoas a desenvolver suas próprias aptidões.

El objetivo de lo que denominamos empwerment, o fortalecimento, es la autorrealización de cada persona, la potenciación de su bienestar personal y de su capacidad para cambiarse a si misma, a su familia y su entorno, y para ello es fundamental establecer relaciones con los demais dentro de un modelo adecuado que nos permita reconocer a los otros y reconocernos en ellos a nos otros mismos. (GARCÍA; PELÁES, 2008, p. 101)

Através desse empoderamento que vai tomando conta da maioria das mulheres entrevistadas, constata-se que seu processo de liderança incendeia os moradores da

comunidade em prol do objetivo a ser alcançado, como diz Margarida (2015): *“me envolvo com toda comunidade. Sempre fiz muitas visitas aos doentes, na maioria ,pessoas idosas. Visito todo o Ribeirão, e quando vejo que nosso grupo está devagar, convoco todas para dar ânimo e sairmos de novo para as visitas.”* Além dessas mulheres se tornarem fortalecidas, elas fortalecem o próprio grupo, acarretando em conquistas para toda a comunidade. Segundo Teresa Lisboa (2008), trabalhar na perspectiva do empoderamento de mulheres é muito importante, uma vez que:

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é precondição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres (...). (LISBOA, 2008, p. 2)

Essas mulheres ativas com perspectivas de enfrentar os desafios do grupo e da própria sociedade, têm no empoderamento uma fonte de emancipação, pois são idosas, estão na ativa, diferentemente do que acontece com a maioria dos idosos homens na comunidade. Muitas delas, além de assumirem a liderança, ainda têm que cuidar de pessoas enfermas ou do pai idoso, como é o caso de Rosa (2015): *“Quando saio para meus compromissos com a comunidade, alguém precisa ficar com ele, não posso deixar ele sozinho.”*

Ao mesmo tempo em que acreditam na participação da sociedade, para melhorar o espaço em que vivem, as líderes argumentam que a comunidade do Ribeirão da Ilha está com dificuldade de “fazer brotar” novas lideranças, pessoas mais novas, com mais energia, que possam interagir com os grupos, assumindo responsabilidades. Boca de Leão (2015) ressalta: *“A colaboração da comunidade é muito boa em eventos; mas no dia-a-dia não, ninguém quer assumir responsabilidades.”* Ao dialogar com Larissa Back (2010), percebemos que são as mulheres idosas do Ribeirão as mais inseridas nos espaços sociais da comunidade.

A participação tomou conta dos diferentes espaços públicos, quer seja na associação de bairro, sindicatos, conselhos de direito e de políticas públicas e entre outras organizações e instituições sociais. Hoje as pessoas são chamadas a participar de reuniões de trabalho, da escola, da comunidade, de esportes, e mais ainda atualmente, das variadas redes do mundo virtual. (BACK, 2010, p. 12)

A participação provoca no indivíduo maior grau de conhecimento, não importando a área que este está participando. As líderes idosas da comunidade, defendem que é preciso lutar sem medir esforços para o bem comum, convocando e mobilizando todos.

Camélia (2015) argumenta que nos altos dos seus 85 (oitenta e cinco anos), *“desde pequena fui uma líder na comunidade, mas tenho que deixar espaço para as mais*

novas". Os dizeres de Camélia preocupam as outras lideranças, elas acham que este é um grande desafio, os mais novos não querem participar desses grupos. Orquídea (2015) argumenta: *"Penso muito que quando não estiver mais nesse mundo, não terá ninguém para assumir, pois os jovens da nossa comunidade não estão envolvidos nesses trabalhos sociais, os envolvidos são todas mulheres idosas"*. A preocupação com o futuro dos trabalhos na comunidade não abala as atividades que elas desenvolvem e se empenham para contagiar os jovens do Ribeirão a se engajar nos grupos em prol da comunidade.

Outro desafio é a tecnologia avançada, algumas líderes dizem não assumir mais atividades, devido ter que lidar com o computador.

Ser líder hoje é difícil, é tudo na base do computador e eu odeio o computador, não sei trabalhar. Para mim e para outras pessoas aqui do Ribeirão é muito difícil lidar com o tal do computador. Faço as coisas no grupo, mas se pedem para registrar alguma coisa só se for manuscrito. Mas hoje também o maior desafio também é o computador, tem algumas coisas que são resolvidas somente através do maldito (Risos). Já entrei num cursinho de informática, mas não tenho paciência de ficar sentada em frente, gosto é de andar movimentar a comunidade. Adoro limpar a casa, as vidraças, agora ficar parada mexendo no computador pra mim não dá. (MARGARIDA, 2015)

Margarida acrescenta que outro desafio em *"trabalhar com a comunidade, é que tem pessoas que sempre dizem não, falta de interesse, muita gente não quer ver a comunidade crescer"*. Esse pensamento da entrevistada vai ao encontro de como Boca de Leão enxerga os pontos negativos do Ribeirão da Ilha: *"É muito difícil trabalhar em grupo aqui no Ribeirão, sempre temos que escolher as pessoas para fazer parte do grupo, é triste, mas é a realidade ter que escolher"*. (BOCA DE LEÃO, 2015). Essa coloca que as líderes acabam sendo chamadas para atuarem em todos os espaços da comunidade, o que leva a uma sobrecarga mental e física, pois acabam assumindo muitas tarefas:

Aqui no Ribeirão nós temos desafios, pois tem pessoas que assumem muitas funções dentro da comunidade e não dão conta. Temos dificuldades para montar algo diferente para oferecer para comunidade, pois não é fácil de fazer com que nossos projetos andem, porque as pessoas não sabem optar o que querem assumir. Daí assume tudo e não dão conta de nada. Penso que contamina as participantes, acaba tendo divergências. (BOCA DE LEÃO, 2015)

Embora a habilidade dessas mulheres em lidarem com esses desafios cotidianos faça que muitas vezes elas fiquem sobrecarregadas, defendem que a satisfação de estar à frente da comunidade, sendo uma líder é muito maior, como nos fala Rosa (2015): *"Apesar desses pontos negativos, é muito bom estar em ação na comunidade com grupos, fizemos amizade"*. Boca de Leão (2015) também está de acordo: *"A liderança na comunidade provoca satisfação, minha cabeça ativada. Inclusive estou voltando a fazer renda"*.

É nesse contexto de desafios e de satisfação que o Serviço Social trabalhou com as Líderes do Ribeirão da Ilha. A assistente social teve o papel de propiciar análise e discussão dos dilemas que as lideranças relataram durante as dinâmicas, construindo estratégias viáveis para responder às demandas das pessoas em processo de envelhecimento, tendo como proposta repensar seus conceitos e sua autoimagem perante a velhice e frente ao grupo na qual essas mulheres são as protagonistas.

Durante o processo de ações desenvolvidas na Comunidade, fiquei responsável como estagiária do Serviço Social do NETI, com o intuito de planejar os trabalhos a serem realizados no grupo de lideranças e reunir as monitoras do PICG para desenvolverem a ação.

Posteriormente, essa demanda passou a ser meu objeto de pesquisa na qual me aproximou da realidade da Comunidade e das lideranças do Ribeirão da Ilha. Podemos observar que enquanto Projeto e pesquisadores, provocaram nas lideranças maior conhecimento sobre liderar grupos, acreditar no reconhecimento do grupo e na confiança, propiciando um bom ambiente de trabalho, para que aja crescimento pessoal e de grupo, gerando confiança entre elas.

O NETI pretende dar continuidade nas capacitações com essas lideranças do Ribeirão da Ilha, porém, estendendo o trabalho com diferentes lideranças comunitárias em outras comunidades dos municípios da Grande Florianópolis/SC.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento humano pode ser dito como um dos mais significativos impactos na realidade brasileira dos últimos anos. O processo de envelhecer surpreende também não apenas pela dimensão quantitativa, mas também pelo grande potencial de mudança que imprime nas mais variadas esferas. Esse impacto pode ser sentido no sistema de saúde, previdenciário, sócio-cultural, familiar, dentre tantos outros. Nesse sentido, se reafirmam diferenças e se (re)introduz novas formas de ver e compreender a dinâmica da sociedade. No caso estudado, que se referem às mulheres idosas lideranças no Ribeirão da Ilha, nos remeteram a analisar a trajetória de vida dessas, e o que levou elas a exercerem esse protagonismo na comunidade.

Diante do exposto, acreditamos que a pesquisa qualitativa, usando como instrumento técnico, a entrevista e utilizando o método da história oral – modalidade trajetórias de vida – e a observação participante, contribuirão para novas frentes de estudos, principalmente para o planejamento das monitoras que são a base do Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia que desenvolve ações de trabalhos nas comunidades e em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em que a maioria das pessoas atendidas são mulheres e idosas.

A partir dos primeiros contatos estabelecidos com as lideranças do Ribeirão da Ilha, onde minha curiosidade foi aguçada, por não entender o porquê de tanta dedicação e comprometimento social com a comunidade, percebe-se durante o desenvolvimento da pesquisa, que o perfil da maioria das mulheres entrevistadas é formado em função da opressão que elas vivenciaram, tanto por parte de pai como dos maridos, cada uma reagindo de uma forma. Essas mulheres desenvolveram o processo de liderança por que desde cedo já tiveram que enfrentar dificuldades, tiveram que lutar para superá-las. Isso fez com que as mesmas fossem desenvolvendo um processo de empoderamento. No meu entendimento as idosas deveriam passear e descansar, o quão diferente é a realidade dessas mulheres. Elas argumentam que se realizam nos trabalhos que desenvolvem, dizendo que essas atividades na comunidade também proporcionam muitos momentos de prazer, como passeios com os grupos.

No caso da Boca de Leão, desde criança foi uma lutadora, uma resistente. As outras cumpriram suas "funções" de mãe e esposa, buscando exercer a condição de protagonistas com a comunidade. Não se percebe paixão, uma coisa fundamental na relação homem X mulher, foram relações estabelecidas por conveniência e subserviência por parte

delas, principalmente nos casos de Camélia e Violeta. Pode-se perceber que a experiência da Boca de Leão com os homens foi de muita privação e violência, retrato também da condição econômica da família que acaba gerando violência. A partir dessa vivência ela foi buscar a sua independência econômica e emocional. Por isso, a importância de elas exercerem uma condição de "comando" na comunidade, é também uma forma de autoafirmação, de serem protagonistas de suas histórias, fugindo do padrão imposto por uma sociedade machista. Esse comando muitas vezes provoca rixas entre elas.

Ainda que a velhice seja constante nos discursos, a maioria das entrevistadas não se sente velhas. Essa sensação se dá pelo fato de se manterem ativas e não precisarem de ajuda para suas atividades diárias e com a comunidade. A afirmação de que não se sentem velhas, pode estar refletindo os valores culturais que definem que só a juventude é valorizada, reconhecida e aceita, em uma sociedade (de cunho capitalista) que tem como pressuposto que os indivíduos devem ser produtivos, caso contrário podem ser descartados. Também existindo uma preocupação exagerada com o belo, em estar dentro dos padrões estabelecidos, fazendo com que os sinais do envelhecimento sejam aceitos com certa relutância. O contraponto disso fica com a "liberdade" que a velhice lhes confere, pois, muitas mudanças ocorreram em relação às gerações anteriores, principalmente no que se refere aos padrões culturais. Essas mudanças redefinem o papel do velho e, especificamente na nossa pesquisa, o protagonismo das mulheres que envelhecem na sua comunidade. Essa interação lhes permite sair de casa, interagir com outras pessoas da comunidade, pois, nessa fase da vida elas podem usufruir dessa liberdade de acordo com seus interesses e vontades. Com tempo para agir e cuidar de si sentem-se num momento de desabrochar para a vida, sentindo-se úteis, significando que ainda possuem dignidade.

É muito importante para elas estarem integradas na comunidade, pois traz satisfação, prazer em ajudar os moradores do Ribeirão da Ilha. Mesmo nas dificuldades do cotidiano elas não se cansam de lutar pelos objetivos dos grupos.

Com relação às contribuições que este estudo irá propor ao Serviço Social e outras áreas de estudo, servirá para atender os dilemas da mulher idosa da atualidade, com um olhar mais abrangente quando atenderem essas demandas.

Quanto aos desafios, as próprias falas delas já trazem elementos nesse sentido, em que para ser uma líder precisa-se de responsabilidade, ser uma facilitadora na comunidade. Porém, as entrevistadas relatam que lidar com os moradores do Ribeirão da Ilha não é tarefa

fácil, pois eles ajudam a comunidade quando convocados pelas lideranças para trabalharem em festas, em ações sociais, mas, sem assumir responsabilidades prolongadas.

Observamos também e trabalhamos, enquanto membros do Projeto, com as competições que identificamos no grupo de lideranças. Pois, acaba sendo um problema nos grupos do Ribeirão da Ilha a circulação de lideranças em diversos grupos, como por exemplo: a líder do grupo de mães é apenas uma participante no grupo de idosos. Provocando conflitos nos grupos ou falsidades como as entrevistadas relataram. Este foi um dos pontos observados na primeira visita do PICG na Comunidade, onde as monitoras juntamente com o Serviço Social precisaram encarar esses desafios, fazendo com que as líderes idosas enfrentem esses conflitos e fortaleçam um sentimento de grupo.

Precisamos reconhecer e valorizar esses trabalhos realizados por essas mulheres que lideram os grupos. Elas trabalham em prol de uma comunidade mais justa para com seus moradores, minimizando a falta de investimentos do Estado, principalmente para àqueles que “nada tem”.

7. REFERÊNCIAS

AJAMIL, Menchu; CARREIRA, Denise; MOREIRA, Tereza. **Mudando o Mundo: A Liderança Feminina no Século 21**. São Paulo: Cortez: Rede Mulher de educação, 2001.

ANJOS, Gabriela dos. **Liderança de Mulheres em Pastorais e Comunidades Católicas e Suas Retribuições**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Cadernos Pagu (31). Porto Alegre-RS, 2008.

ANTONIO, Jean Carlos. **Fortuna e Escravidão na Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, Através da Análise do Inventário de João Antonio da Silva (1878)**. Trabalho de Conclusão de Curso- Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2006.

BACK, Larissa Brand. **Participação e Processos Políticos Organizativos: Temas para o Serviço Social**. UFSC, DSS. (Trabalho de Conclusão de Curso). 2010.2.

BAPTISTA, Myrian Veras. **Planejamento Social**. Intencionalidade e instrumentação. São Paulo: Veras Editora, 2000.

BARCELLOS, Dayse Macedo de. Violência Racial e Ofensa Social: “o ódio do outro e a sua desqualificação.”In: FONSECA, C; TERTO, Jr; ALVES, V. (orgs). **Antropologia, Diversidade e Direitos Humanos** – Diálogos Interdisciplinares UFRGS - Porto Alegre, 2004.

BRASIL, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Ministério da Saúde- 3.ed., 1. reimpr.- Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BONETTI, Alinne de Lima. Novas Configurações: Direitos Humanos das Mulheres, Feminismo e participação Política Entre Mulheres de grupos Populares Porto Alegrenses. In: NOVAES, R. R.; KANT DE LIMA, R. (orgs.). **Antropologia e Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2001.

CACHIONE, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade**. A experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Dissertação (Mestrado em Educação) UNICAMP: Campinas, 1998.

_____. **Programas de educação permanente voltados aos idosos em instituições de Ensino Superior Brasileira**: localizados em 1999 – 2005.

ESPINDOLA, Ariana M. **A Vida Rural na Freguesia do Ribeirão da Ilha no Século XIX**. Revista Santa Catarina em História. Florianópolis. UFSC- Brasil. ISSN 1984-3968, V.1, n.2, 2010. Disponível em: <<http://www.promoart.art.br/polo/renda-de-bilro-de-florian%C3%B3polis-sc>>. Acesso em 22 de abril de 2015.

Execução e Avaliação de Políticas e Programas sociais como momentos do processo das políticas públicas. (Cadernos e Textos CFESS).

FRAIVIAN, Ana Pervein. **Coisas da Idade**. 2. ed. São Paulo: 1991.

GARCÍA, Tomás Fernandez e PELÁES, Antonio López. **Trabajo Social Comunitario: afrontando juntos los desafios del siglo XXI**. Madri, Alianza Editorial, 2008. Cap. 3, p. 95.

GOHN, Maria da Glória. Dossiê. **Mulheres – Atrizes dos Movimentos Sociais: Relações Político-Culturais e Debata Teórico No Processo Democrático**. Nº 11- Política e Sociedade, 2007, p. 45.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 6-7, 1996, p. 67-82.

LARAIA, Roque de Barros. Como Opera a Cultura. In: **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; SILVEIRA, Esalba Carvalho. **A entrevista nos processos de trabalho do assistente social**. Revista Virtual Textos & Contextos. Porto Alegre, PUCRS, n.8, dez.2007.

LIBERATO, Elizabeth Moraes. **Educação Continuada e Faculdade da Terceira Idade**. UNIVAP/São José dos Campos –SP. 1995, p. 12.

LISBOA, Teresa Kleba. Gonçalves, Rita de Cássia. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetória de vida**. Revista Katálise UFSC. Florianópolis v.10 n.esp. 2007, p.83-92.

_____. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder. UFSC – Empoderamento Social, Políticas de Gênero ST 11. 2008.

_____. **Gênero, feminismo e Serviço Social – encontros e desencontros ao longo da história da Profissão**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), artigo aprovado em 2010.

_____ **O Trabalho com Grupos no Serviço Social e as Técnicas de Reunião e Dinâmicas de Grupo.** UFSC, 2013, p. sem nº.

LUZ, Sergio R. Da. **Nossa Senhora Da Lapa do Ribeirão da Ilha e Sua População: 1810-1930.** Dissertação de pós-graduação do Curso de História da Universidade de Santa Catarina-UFSC. 1994.

MERIGO, Janice. **Apresentação Capacitação FECAM.** Assistente Social. 2014.

MOTTA, Alda Britto. **Palavras e Convivências – Idosos Hoje.** Revista Estudos Feministas, V.5 n.1. ISSN 0104-026X, UFSC. Florianópolis, Brasil. 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12565/0>>. Acesso em 16 de maio de 2015.

NERI, Anita Liberalesso. Apud Havighurst RJ. 1951 Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Questões Científicas e Políticas. In: FREITAS, Elisabete Viana et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 1316-1323.

NOGUEIRA, Cláudia M. **As Relações Sociais de Gênero no Trabalho e na Reprodução.** Aurora ano IV. Nº6 – São Paulo, 2010, p. 53.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PEREIRA, Potyara A. P. Política de Assistência Social: avanços e retrocessos. In: **Cadernos do CEAM.** nº 11. Brasília: CEAM/UnB, 2002.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro. **Estágio e Supervisão: Um Desafio ao Ensino Teórico-Prático do Serviço Social.** Núcleo Estudos e Pesquisa Sobre Ensino e Questões Metodológicas em Serviço Social – Resumo de Tese de Doutorado defendida – PUC/SP. 1997.

PROMOART. **Renda de Bilro de Florianópolis (SC).** Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural, 2015. Disponível em: <<http://www.promoart.art.br/polo/renda-de-bilro-de-florian%C3%B3polis-sc>>. Acesso em 22 de abril de 2015.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. In: **Revista Estudos Feministas**, vol.16 no.3 Florianópolis Set./Dez. 2008

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos - A mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.

ROSSI, Ednéia Regina. Espaços autônomos e modernos de educar: a instituição de ensino elementar no início da República e a produção de uma cultura escolar. In: MACHADO, Maria Cristina Gomes; OLIVEIRA, Terezinha. (Orgs.) **Educação na história**. São Luis, MA: Editora UEMA. 2008.

SANTOS, Luciana da Silva. Diniz, Gláucia R. S. **Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais**. Psicol. clin. vol.23 no.2 Rio de Janeiro 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103>>. Acesso em 21 abr.2015.

SARTI, C. A. Famílias Enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs). **Famílias: redes, laços, e políticas públicas**. São Paulo: PUC/SP, 2005.

_____. Família e Individualidade: Um Problema Moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo B. de, (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: CORTEZ Editora, 1995. P. 39.

SIQUEIRA, Monica Maria Nunes da Trindade. **Famílias: uma experiência de trabalho com grupo**. In: REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS, UNITAU. Volume 1, número 2, 2008. Disponível em <<http://www.uepg.br/emancipação>>. Acesso em 28 mar. 2015.

SOARES, Doralécio. **Folclore Catarinense**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SOUSA, Charles T. de. A prática do assistente social: instrumentalidade e intervenção profissional. In: **Emancipação**. Ponta Grossa, 8(1): 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria: história da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2009.

SZYMANSKI, Heloísa. **O Trabalho com Famílias. A Relação Família/Escola**. Desafios e Perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2007. p. 50.

TONANI, Adriana Venturim. Gestão Feminina – Um Referencial de Liderança Mito ou Nova Realidade. LATEC/UFF – **VII Congresso Nacional de Excelência em Gestão**. 2011.

VASCONCELOS, Ana Maria de. Serviço Social e Práticas Reflexivas. In: **Em pauta**. Revista de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, nº 1, UERJ, 1993.

VELHO, Gilberto. História de Vida: resumos e reflexões. In: **Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002 p.56.

VIEIRA, Cristiane. **O Processo de Empoderamento de Idosas Integrantes do PICG do Antes ao Depois da Entrada do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade**

Federal de Santa Catarina. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2012.

8. APÊNDICES

A- PROPOSTA PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM LIDERANÇAS SOCIAIS DO RIBEIRÃO DA ILHA

As Protagonistas das Ações Sociais de atendimento aos Idosos do Ribeirão da Ilha

Público Alvo – lideranças que atuam na comunidade

Dia - 20/03/2015

Local –Salão Paroquial do Ribeirão da Ilha

Horário - das 14 às 16 horas

Facilitadoras: Michele Vieira Pereira (estagiária do NETI e estudante do Curso Serviço Social/UFSC) e Antonia Rita Severo -monitora/ PICG/NETI/UFSC)

Programação :

1- Acolhimento – Apresentação do objetivo do meu TCC (14h às 14:20h)

Objetivo do TCC: buscar compreender os fatores que levaram as mulheres a exercerem a liderança na comunidade do Ribeirão da Ilha.

Objetivos específicos:

- Identificar as líderes da comunidade e seu perfil;
- Analisar as ações desenvolvidas pelas lideranças;
- Realizar entrevistas com as líderes e com algumas pessoas da comunidade, adquirindo maiores informações sobre as protagonistas do Ribeirão da Ilha;

2- Contextualizar o porquê da escolha da comunidade (14:20 às 14: 40h)

Através da curiosidade, com a visita do NETI/UFSC na comunidade no ano de 2014, escolhi juntamente com minha orientadora acadêmica, Professora Dra. Teresa Kleba Lisboa, o tema do meu TCC: As Protagonistas das Ações Sociais de atendimento aos Idosos do Ribeirão da Ilha. Buscando entender o papel social que essas líderes causam na sociedade e principalmente como essas se sentem realizando esse trabalho em grupo. É necessário conhecer essas líderes e desenvolver estudos que colaborem com a realidade delas e da comunidade. Isto é de fundamental importância para o NETI/PICG e, principalmente para o Serviço Social. Pois, ao trabalhar com grupos neste caso especial, líderes (idosas) de uma comunidade que desempenham vários papéis sociais que tem um verdadeiro impacto na sociedade como um todo.

3- Dinâmica de Grupo (14:40 as 15:05h)

A pessoa pega o novelo de linha e corta o pedaço do tamanho que quiser e repassa o novelo para todos os membros do grupo. Em seguida, a pessoa vai enrolando a linha no dedo e falando até acabar a linha que a mesma tinha cortado. (Elaborarei a pergunta: "Quem é você?")

Nesse momento foi gravada a voz delas, onde todas aceitaram a gravação feita através de um aparelho gravador.

4- Leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (15:05 às 15:20h)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de campo correspondente ao Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social, da acadêmica Michele Vieira Pereira, cujo título “As Protagonistas das Ações Sociais de Atendimento aos Idosos do Ribeirão da Ilha”. Os objetivos da pesquisa são estritamente acadêmicos, ou seja, para fins de estudo e análise, buscando compreender os fatores que levaram as mulheres idosas a exercer a liderança na comunidade do Ribeirão da Ilha. O Trabalho de Conclusão de Curso (incluindo a referida pesquisa) é orientado pela Professora Dra. Teresa Kleba Lisboa (Departamento de Serviço Social / UFSC), a quem poderá contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (48) 3721 6513 ou pelo e-mail tkleba@gmail.com.br. A participação na pesquisa é voluntária, consistirá em responder um questionário relacionado ao tema “As Protagonistas das Ações Sociais de Atendimento aos Idosos do Ribeirão da Ilha”. Cujas informações serão confidenciais mantendo o anonimato, preservando a ética na pesquisa e o sigilo do conteúdo das respostas. Sua participação poderá ser interrompida a qualquer momento que desejar sem prejuízo, sanções, constrangimentos ou quaisquer vantagens, mediante solicitação à entrevistadora. Caso concorde em participar da pesquisa, receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada pelos pares, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Florianópolis, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Contato (48) 99382286 ou e-mail: chelegam@hotmail.com

*Na entrevista o nome da entrevistada será substituído por nome de flores.

5- Mensagem - (15:20 às 15:30h)

“Tição Apagado”

B-Participantes da entrevista:

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ celular: _____.

Nome da Flor: _____.

Data para entrevista: ____/____/____.

C- Roteiro de perguntas para entrevista a ser realizada no Ribeirão da Ilha (lideranças da Comunidade). Fio Condutor das "Trajetórias de Vida"

Gostaria que começasse a falar um pouco da sua infância. Onde nasceu, de que costumava brincar, até que ano foi para escola...

- 1- Conte alguns fatos que mais se destacaram na sua infância...em seguida como era a relação com o seu pai?E como era a relação com sua mãe?*
- 2- E a sua adolescência? Podia sair para festinhas, cinema, bailes, domingueiras a partir de que idade? Você já se destacava em algum tipo de liderança entre suas amigas na adolescência? Era mais sapeca (extrovertida) ou mais recatada (introvertida)?*
- 3- E da juventude, o que mais gosta de relembrar?*
- 4- Com quantos anos começou a namorar?Como conheceu seu marido? Com que idade se casou? Como foi sua vida de casada? Teve filhos? Quantos? Ainda vivem com você?*
- 5- E atualmente, você reconhece ou aceita que está entrando na terceira idade? Como se sente, entrando na terceira idade? Quais os principais desafios do envelhecimento?*
- 6- Para você, tem alguma diferença entre o processo de envelhecimento de uma mulher e de um homem?Como surgiu esse cargo de liderança que está ocupando atualmente? Alguém a convidou, como foi que começou?*
- 7- Quanto tempo e onde você exerce a liderança na comunidade do Ribeirão da Ilha?*
- 8- Qual seria o principal motivo que a fez ir em busca de atividades fora do espaço doméstico?*
- 9- Por que você acha que a maioria dos trabalhos sociais na comunidade do Ribeirão da Ilha são assumidos por mulheres?*
- 10- Como seria para você, se um homem assumisse o seu lugar de liderança?*
- 11- Quais as principais diferenças que você aponta entre homens e mulheres que assumem cargos de liderança?*
- 12- O que é ser líder para você? O que é necessário para uma pessoa desempenhar a função de liderança em um grupo ou em uma comunidade?*
- 13- Como é trabalhar com grupos para você? Quais os principais pontos positivos que você aponta no trabalho de grupos com mulheres?*
- 14- E as dificuldades? Para você, quais são as maiores dificuldades de trabalhar em grupo?*
- 15- O que sua família pensa sobre o trabalho que você desenvolve na comunidade?*
- 16- Quais os benefícios (em termos de satisfação pessoal) que o cargo de liderança traz para você?*
- 17- Qual o maior desafio em trabalhar com a comunidade do Ribeirão da Ilha?*

Questões objetivas	
1. Idade	
2. Grau de escolaridade	
3. Estado Civil	
4. Tem filho? Quantos?	
5. Naturalidade	
6. Profissão	

Nome da Flor: _____.

Data: ___/___/_____.

9- ANEXOS

A – Planejamento PICG

UFSC/PROEX/NETI

PROJETO INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO EM GERONTOLOGIA

PLANEJAMENTO DA ATIVIDADE DE CAMPO

- 1- Nome da instituição:
Endereço:
Bairro:
Fone:
Público Alvo:
Data de Realização:
- 2- Título da atividade:
- 3- Objetivo da atividade proposta:
- 4- Equipe de Trabalho (monitoras):
- 5- Tempo estimado para realização:
- 6- Metodologia da atividade (Forma simplificada):
- 7- Levantamento dos recursos (necessários) para realização da atividade:
 - a) Institucionais-
 - b) Humanos-
 - c) Materiais-
- 8- Outros:

B- Avaliação PICG

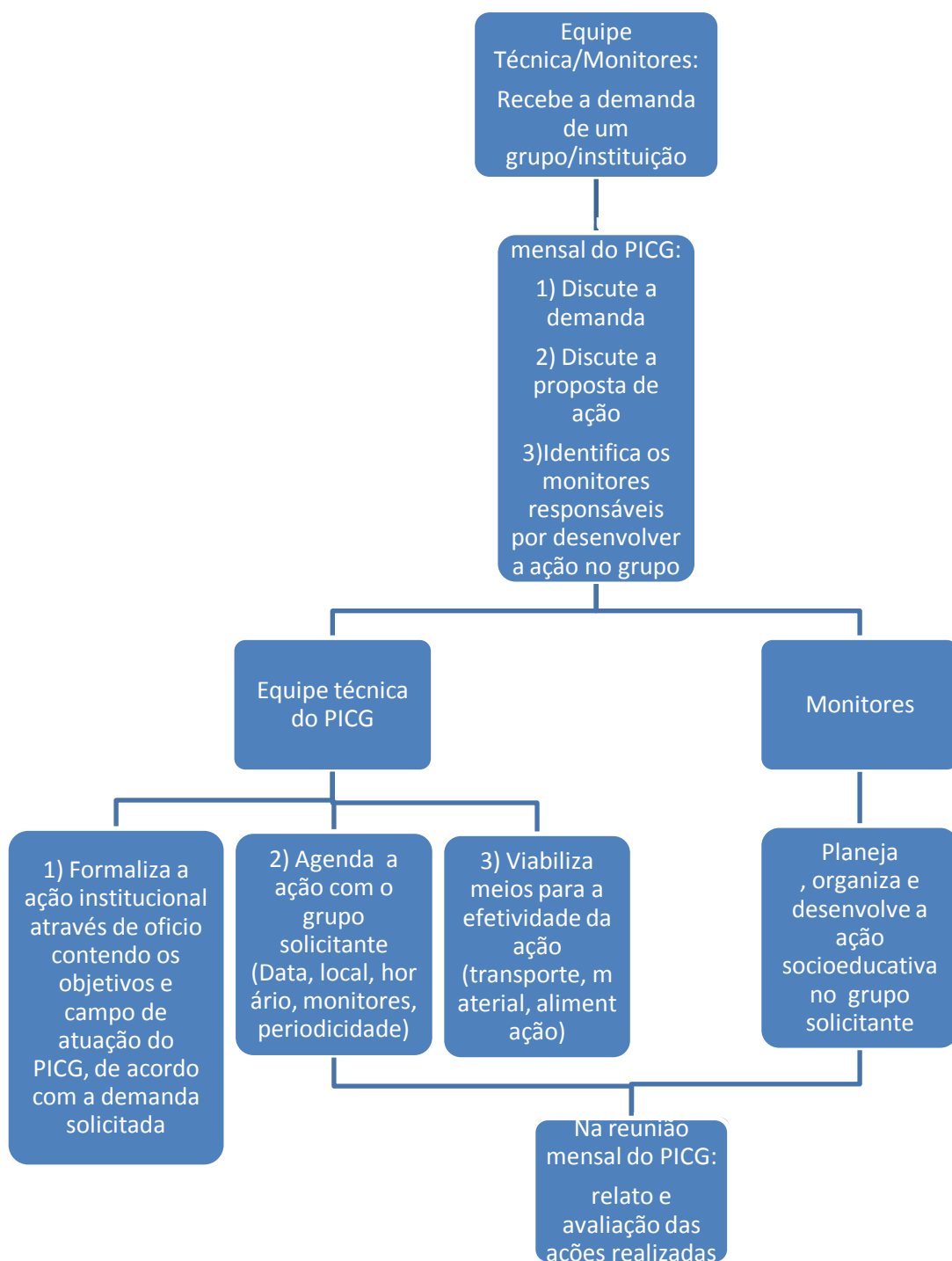
UFSC/PROEX/NETI

PROJETO INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO EM GERONTOLOGIA

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE CAMPO

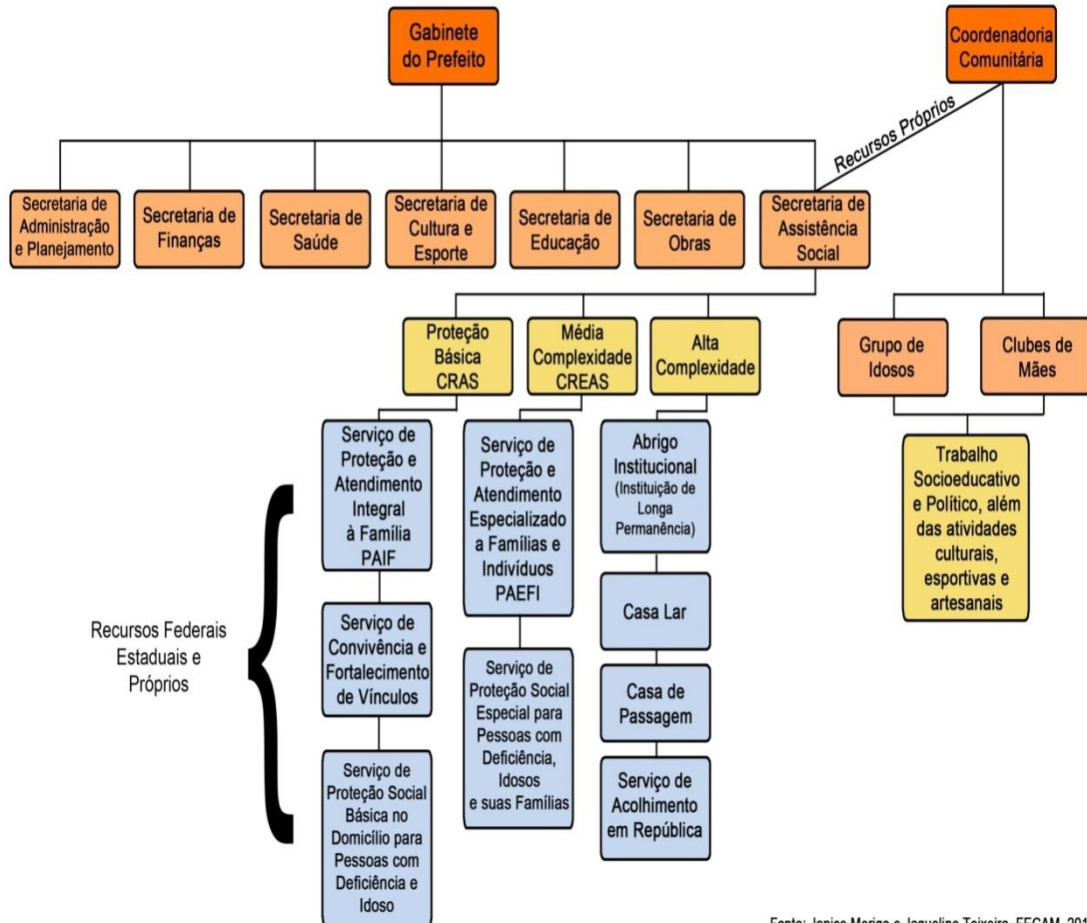
1. Equipe de Monitores (as) da Ação Gerontológica:
2. Identificação da Instituição:
3. Data:/...../..... Total de horas:
4. Público Alvo/ Total:
5. Atividade Desenvolvida:
6. A Atividade desenvolvida atingiu o objetivo proposto?
7. Como o grupo de monitores se sentiu realizando a atividade?
8. Encaminhamentos:
9. Sugestões:

C- Fluxograma PICG 2013/2014



D- Atendimento a Pessoa Idosa

FLUXOGRAMA
ATENDIMENTO A PESSOA IDOSA PELA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM SANTA CATARINA



Fonte: Janice Merigo e Jaqueline Teixeira. FECAM, 2013.